

Ana Maria Vieira Monteiro

Revolução das palavras
Movimento Zapatista e rádios indígenas do México

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para a obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Dra. Cláudia Regina Lahni

Juiz de Fora
Junho de 2009

Ana Maria Vieira Monteiro

Revolução das palavras:
Movimento Zapatista e rádios indígenas do México

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Dra. Cláudia Regina Lahni.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado

Em __/__/____ pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni (UFJF) – Orientadora

Profa. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Convidada

Profa. Ms. Simone Teixeira Martins (Estácio de Sá) - Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Junho de 2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, José Polydoro Monteiro e Irenir Pires Vieira, por me fazerem acreditar no desprendimento das coisas, mas apostar no conhecimento. Ainda, por me ensinarem que a sabedoria não se encontra só nas instituições, mas também nas pessoas, nas viagens e nas experiências ao longo da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que me acompanharam nesse percurso de formação acadêmica, compartilhando a vida universitária em tudo que a envolve, como as responsabilidades, os relacionamentos pessoais, as euforias e as decepções. Destacaria os amigos que, desde Conselheiro Lafaiete e da querida Viçosa, estão presentes. Os de Juiz de Fora, por fazerem com que a vida tenha mais sentido e por doarem mais criatividade ao jornalismo.

Agradeço aos professores que venceram algumas inércias do ensino público do nosso país e souberam transmitir conhecimento com responsabilidade. Entre eles, cito minha orientadora Cláudia Lahni, que ainda transmite sua paixão pela matéria lecionada, a qual me inspirou a desenvolver este trabalho.

RESUMO

O Movimento Zapatista que entrou em cena no México, no final do século XX, simboliza o levante de uma nação de excluídos da sociedade economicamente desenvolvida do país e, conseqüentemente, dos meios de comunicação. O objetivo deste trabalho é verificar o contexto do zapatismo, sua revolução por meio da Internet, a causa de sua popularidade entre as comunidades indígenas e suas influências relacionadas à comunicação alternativa em torno delas e fora do México. Para isso, recorre-se à análise histórica e contemporânea dos fatos que mantêm vivo o Movimento Zapatista e que impulsionam uma nova rede de comunicação mexicana. Utiliza-se ainda de estudos de casos e uma abordagem teórica sobre as revoluções na América Latina. Conforme irá se descobrindo, uma revolução aliada à voz da sociedade mediada por ela mesma tem o poder transformador que a Histórica nesse continente tanto espera.

Palavras-chave: Comunicação comunitária; ciberativismo; Movimento Zapatista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A AMÉRICA E A IRONIA DA PRÓPRIA RIQUEZA	11
2.1 A Narração da conquista como profecia	13
2.2 Aos sobreviventes, a tarefa de sub-existir	15
2.3 Lutas indígenas pelo uso da terra	17
2.3.1 Emiliano Zapata e a revolução pela reforma agrária	19
2.4 EZLN e a batalha contemporânea	23
3 REVOLUÇÃO: MEIO OU FIM?	28
3.1 A revolução do espírito	30
3.2 Uma breve análise do México nos anos 2000	32
3.2.1 O lugar das mudanças	34
3.2.2 Os cidadãos do novo México	36
3.3 Os meios de comunicação a serviço de um ideal	38
3.3.1 Uma questão de estratégia	42
4 INFLUÊNCIAS ZAPATISTAS NA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA	46
4.1 Identidades indígenas e suas representações	48
4.2 O ativismo Zapatista em outros países: rádio e Internet	52
4.2.1 Análise do Programa de Rádio Zapatista	53
4.3 Rádios comunitárias indígenas	59
4.3.1 Rádios comunitárias mexicanas interconectadas	61
4.3.2 O portal La Voladora Radio	62
5 CONCLUSÃO	66
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
7 ANEXOS	71

1 INTRODUÇÃO

Um objeto de estudo geograficamente distante implica certas dificuldades porque não podemos vivenciá-lo, mas é justamente por isso que nos obriga a estudar História, a pesquisar autores desconhecidos, nos desperta idéias e nos faz enxergar as semelhanças com a nossa realidade nacional. Estudar o México, em particular, é conhecer mais sobre as sociedades pré-hispânicas e seus conhecimentos esplendidos. É perceber o que se passava na Europa no século XVI, quando a América Latina descobria aos poucos o que vinha de além-mar. É entender que os problemas de uma sociedade podem se arrastar por séculos e ainda poderem se arrastar mais.

Essa é umas das razões pelas quais seria impossível falar do Movimento Zapatista sem retomar seus antecedentes. Emiliano Zapata já denunciara, no início do século XX, a questão latifundiária que impulsionou a Revolução Mexicana de 1910, e que ainda estaria presente em 1994, quando o mundo pôde acompanhar a revolução vinda de Chiapas. Os zapatistas apareciam com os rostos cobertos e diziam que representavam a luta de todos os mexicanos. Mais do que o ressurgimento do símbolo das lutas latino-americanas por um basta nas injustiças históricas, o Movimento Zapatista inaugurou um novo tipo de comunicação de guerrilha, baseado em um território ainda novo, que era a Internet na década de 90.

A influência dessa comunicação de caráter revolucionário é percebida atualmente nas comunidades indígenas, que também fazem parte das origens do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o EZLN. É de fundamental importância entender o processo que excluiu a sociedade indígena do desenvolvimento econômico do México, o que será visto no primeiro capítulo, quando abordamos a colonização e suas heranças para as diversas etnias que compõem a maioria da população pobre do país. É ainda nessa parte que incluímos a luta de Zapata e Pancho Villa por uma divisão de terras mais justa, princípio da Revolução Mexicana, que modificaria seus

ideais ao longo do século XX, dissolvidos em reformas, partidos e na crescente influência do liberalismo.

Em seguida, analisamos como o Movimento Zapatista transformou os meios de comunicação na base de suas ferramentas estratégicas, no sentido de romper as fronteiras da Selva Lacandona, atingir todas as camadas sociais do México e ganhar o apoio internacional. Veremos de que modo os Zapatistas puderam sair de um movimento de guerrilha armada para uma guerrilha das palavras, se fazendo ouvir não só pela tecnologia, mas ainda pelas formas de linguagem adaptadas ao público a quem se dirigem as mensagens. Caberá estudar, então, os conceitos de identidade, de forma a esclarecer em qual contexto cultural a rede de comunicação comunitária influenciada pelo Movimento está inserida.

Ainda no segundo capítulo, exemplificamos o ativismo zapatista internacional com as inferências sobre um programa de rádio transmitido dos Estados Unidos pela Internet. Do geral para o particular, chegamos até as rádios comunitárias indígenas. Encontramos outros estudos sobre as redes alternativas de comunicação no México e no mundo, assim como o nosso estudo de caso, um portal na Internet que reúne as características de comunicação comunitária daquele país.

O último capítulo lança um olhar crítico sobre as revoluções esquerdistas. Embora pareça abrangente e superficial falar de sistemas e idéias tão complexas e teorizadas, a América Latina tem experimentado todos esses termos em sua saga pela real democracia e justiça social e devemos tomá-los como fundamentos básicos de revoluções e situações no continente. Por conseqüência, para que se entenda o pano de fundo dos conflitos no México, há que olhar para os outros países latino-americanos, com seus sistemas de governo e movimentos sociais, e compará-los com o sistema de governo da democracia mexicana, fruto de uma transição democrática dos modos como não ocorria há mais de 70 anos.

Partimos de conceitos e idéias-chave para compreendermos o Movimento Zapatista em uma análise mais aprofundada. Apesar de seu caráter inovador e ainda em construção, podemos encontrar suas influências esquerdistas e anarquistas e contrapor seus ideais com os da realidade sociais e políticas mexicanas. Todas essas abordagens podem parecer vagas por terem sido abordadas de maneira resumida, mas abrirão um caminho mais fácil para falarmos da influência do zapatismo não só na comunicação, mas pela comunicação, pois perceberemos que um ideal tem mais força quando passa por uma sociedade mais autônoma e ciente de sua posição política.

Por fim, procurou-se neste trabalho abordar questões que serão facilmente relacionadas com a nossa vivência de mundo e, principalmente, de América Latina. Podemos estar distantes do cenário mexicano, mas nosso passado tem muito em comum e nosso futuro poderá ser um extremo entre o aumento das desigualdades sociais e uma transformação vinda da consciência da base das sociedades, uma revolução ainda não vista.

Espera-se que os profissionais da comunicação, ou os que a fazem por sentimento de pertença aos acontecimentos, descobriram que não só os meios acompanharão os fatos, mas a história já está sabendo se construir através dos meios.

Aonde deveremos ainda ir?
Somos gente simples,
Somos perecíveis, somos mortais,
Deixai-nos, pois, morrer,
Deixai-nos, pois, parecer,
Pois nossos deuses já estão mortos.

(Trecho do texto extraído do livro dos Colóquios de los Doce, organização de textos escritos por franciscanos e sacerdotes astecas sobreviventes.)



Homem cortando folhas de zapupe em Xilochuxil, Veracruz. Fotógrafa: Gabriela Salinas, 1979. Fototeca Nacho López, CDI.

2 A AMÉRICA E A IRONIA DA PRÓPRIA RIQUEZA

Ao analisar os registros históricos sobre a colonização do México, depara-se com narrativas semelhantes às dos processos de colonização de toda a América Latina. Eduardo Galeano (1986, p. 25) traduz esse sentimento generalizado do que foi a grande colônia latino-americana:

A América era o vasto império do diabo, de redenção impossível ou duvidosa, mas a fanática missão contra a heresia dos nativos confundia-se com a febre que provocava, nas hostes da conquista, o brilho dos tesouros do Novo Mundo. Bernal Díaz de Castillo, fiel companheiro de Fernão Cortez na conquista do México, escreve que chegaram à América “para servir a Deus e a Sua Majestade e também por haver riquezas”.

Entretanto, a conquista do México reservaria aos espanhóis uma complexidade maior ao lidar com civilizações de organização sociológica e desenvolvimento intelectual já fortalecidos por milhares de anos de existência e coexistência entre diversas tribos. “Antes da chegada dos espanhóis, o México não existia como nação, uma multiplicidade de tribos separadas por rios e montanhas e pelo mais profundo abismo de seus trezentos dialetos, habitava as regiões que hoje formam o território pátrio¹.” (Vasconcelos, 1968, p. 15)

Os colonizadores espanhóis estavam na ilha de Cuba quando se teve a notícia da rica cidade asteca de Tenochtitlán, atual Cidade do México. Sendo assim, no dia 18 de fevereiro de 1519, Hernan Cortez, com uma frota de 11 navios e mais de 600 homens parte rumo a Vera Cruz, alcançando-a no dia 22 de abril do mesmo ano. Por volta de seis meses depois, no dia 8 de novembro de 1519, contemplavam extasiados a capital de México-Tenochtitlan, a grande cidade construída pelos astecas em meio aos lagos no Vale do México. (León-Portilla, 1985, p. 12)

Como escreve o mesmo autor, em um primeiro momento, os espanhóis são recebidos como hóspedes por Motecuhzoma, governante de Tenochtitlán. A crença de que os homens

¹ Tradução livre da autora

barbados seriam deuses se desfaz quando, na mesma cidade, após a viagem de Cortés para Cuba, Pedro de Alvarado ataca traiçoeiramente os anfitriões astecas. De deuses a bárbaros, dá-se início ao poema épico que foram as sucessivas batalhas de dominação. A saga espanhola de conquista do Novo Mundo inclui derrotas, revoltas, mas inclui também o denominador comum das colônias latino-americanas: a dizimação da população indígena, o enfraquecimento de sua cultura e a miséria deixada aos nativos, ironicamente, como fruto de sua riqueza primeira.

Para que se chegue ao cerne deste trabalho, aonde a questão da terra é fundamental, é preciso entender o que a colonização significou para as sociedades indígenas do território mexicano. Como escreve León-Portilla (1985, p.15):

Não se deve esquecer que os astecas eram seguidores do deus da guerra, Huitzilopochtli; que se consideravam escolhidos do sol e que, até então, sempre creram ter uma missão cósmica e divina de submeter a todos os povos dos quatro cantos do universo. Quem se considerava invencível, o povo do sol, o mais poderoso da Mesoamérica, teve de aceitar sua derrota. Mortos os deuses, perdidos o governo e o mando, a fama e a glória, a experiência da Conquista significou algo mais que tragédia: ficou gravada na alma e sua recordação passou a ser um trauma.

Como legado histórico, as sociedades vencidas também têm histórias, escritas por eles mesmos, tendo alguns documentos sido redigidos no alfabeto latino por indígenas que rapidamente aprenderam a língua do dominador. A história nos reserva mais de uma versão de uma conquista que, se por um lado utilizou-se de armas desleais, contra as palavras nada pôde fazer.

2.1 A NARRAÇÃO DA CONQUISTA COMO PROFECIA

Os astecas e maias foram a sociedade em que os espanhóis encontraram mais dificuldade em seguir o curso da dominação, mas há de se diferenciar os povos maias da região central de Yucatán e os povos maias do sul, em Chiapas e Guatemala, onde as efervescentes metrópoles já se encontravam em decadência. Mas nos dois povos, os sobreviventes e descendentes do tempo da dominação deixaram um grande acervo de documentos escritos e artísticos sobre como se deu a aniquilação de suas sociedades, e qual o sentimento perdurava entre eles após tantas batalhas.

Entre os documentos astecas encontram-se presságios funestos e narrativas do encontro com os espanhóis. No livro *A Conquista da América Latina vista pelos índios*, Miguel León-portilha reúne esses arquivos. No oitavo presságio funesto, lê-se: “muitas vezes apareciam à população homens disformes, pessoas monstruosas.” (León-Portilla, 1985, p.25)

No livro do mesmo autor, tem-se a sequência dos fatos aqui resumidas. Quando os espanhóis foram vistos vindos do mar, enviados de Motecuhzuma foram ver do que se tratavam os estranhos homens, com o pretexto de se fazer comércio com os estrangeiros, levando mantas de qualidade que só o rei usava. Quando estavam próximos daqueles estrangeiros, fez-se a troca de presentes e os espanhóis ficam a par de quem é o governante da cidade. Prevendo o que estaria por vir, na cidade de Tenochtitlán, todos comentavam o acontecido e estavam preocupados com o destino do povo.

Não demorou até que os espanhóis instigassem os habitantes do lugar sobre os aspectos do rei. Quando soube que estava sendo especulado, Motecuhzuma pensa em fugir, mas nada mais se podia fazer. “Apenas esperou-os. Apenas decidiu em seu coração, apenas resignou-se; dominou finalmente o coração, recolheu-se em seu interior, e o dispôs a ver e admirar o que haveria de acontecer.” (León-Portilla, 1985, p.29)

Quando finalmente Cortez encontra-se com Motecuhzuma, o asteca relata a forma assustada como o rei se dirige a Cortez, e como este o tranquiliza se fingindo passar pelo deus que o povo asteca esperava. Na já descrita traição de Pedro de Alvarado, começam-se as narrativas de destruição da cidade de Tenochtitlán, na conseqüente prisão e morte de Motecuhzuma e na epidemia que termina por dar a vitória aos espanhóis, deixando aos vencidos a única opção de se aliar aos dominadores.

Após os índios terem sido feitos escravos, León-Portilla (1985, p. 48) insere em seu livro um trecho do manuscrito *Cantares Mexicanos*²:

Chorais, amigos meus,
Entendei que, com estes fatos,
Perdemos a nação mexicana.
A água se azedou, azedou a comida!
Isto é o que se fez o Doador da vida em Tlatelolco.
Sem respeito são levados Motelhuitzin e Tlacotzin.
Com cantos se animavam uns aos outros em Acachinanco,
Ah, quando foram postos à prova lá em Coyoacan...

Quando em 1523 Hernan Cortez envia Pedro de Alvarado para dominar as regiões sul do México, vencedor e vencidos relatam os episódios da colonização. Apesar das tropas de Alvarado não terem dificuldades maiores durante a queda das cidades, em vários relatos indígenas se encontra as figuras heróicas de rebelados e resistentes. Como transcreve León-Portilla (1985, p. 52), do texto indígena *Los Títulos de la Casa Ixquin-Nehaib*, na ocasião da conquista dos quichés:

Alvarado e o grande capitão quiché, Tecúm Umán encontraram-se face a face. (...) “Tecum Umán, como transfigurado, levantou vô e vinha feito águia, cheio de plumas que nasciam de si mesmo... Tentou matar o Tonatiuh (Alvarado) que vinha a cavalo e acertou o cavalo em vez do Adiantado e decepou a cabeça do cavalo com uma lança. Não era uma lança de ferro, mas de espelhos, e tal feito realizou este capitão por inteiro. E como viu que não tinha morto o Adiantado, mas o cavalo, tornou a levantar vô para o

² Parte do acervo da Biblioteca Nacional do México.

alto vir matar o Adiantado. Então o Adiantado o esperou com uma lança, que atravessou ao meio este capitão Tecum Umán...”

As expedições de Alvarado a Guatemala também são registradas através de pinturas feitas pelos tlaxcaltecas³, proporcionando uma visão especial do conceito indígena de quem também foi vencido e que, após ter perdido sua cultura, uniu-se aos espanhóis por rivalidade aos astecas. León-Portilla (1985, p. 56)

2.2 AOS SOBREVIVENTES, A TAREFA DE SUB-EXISTIR

Como ocorreu em toda a América Latina, desde a chegada dos colonizadores, o termo “índio” passou a significar inferioridade e paganismo. Quando não lhes coube a morte ou a servidão, lhes coube a evangelização, mas o potencial da força de trabalho indígena como mão-de-obra barata sempre esteve presente.

No entanto, a dizimação populacional que sofreram os indígenas no México e as novas condições de vida a eles imposta não impediram que a cultura pré-hispânica fosse totalmente abandonada. A cada território colonizado, em grau maior ou menor, os povos se adaptaram às novas formas de vida, ou até mesmo escaparam do domínio espanhol por alguns séculos, como os mixes de Oaxaca, os huicholes e coras de Nayrit e Jalisco e os tarahumaras de Chihuahua (Linares, 2008, p.33).

A influência espanhola na alimentação, vestuário e governo é visível até a presente data, sendo que a influência africana também foi muito forte na miscigenação e na cultura, como percebido nos instrumentos e formas musicais. A língua, sem dúvida, é a parte mais adaptável na

³ Os tlaxcaltecas pertenciam à etnia Nahuatl que habitava o reino de Tlaxcala situado no atual estado de Tlaxcala no México. Os astecas mantinham os tlaxcaltecas independentes de modo a poderem participar com eles em guerras rituais chamadas de *guerras floridas*, cujo objectivo era a captura de prisioneiros que eram depois sacrificados.

relação de dominação. Era preciso se comunicar, se fazer entender, como questão de sobrevivência ou para manter sob controle a força de trabalho.

A idéia de igualdade entre todos os mexicanos nasceu do ponto de vista dos povos indígenas. Eles se juntaram aos exércitos libertadores formados a partir de 1810 para lutarem pela independência, que, mesmo após seu advento, não proporcionava a seus idealistas uma vida digna. No entanto, para os outros grupos mexicanos⁴ que reivindicavam a igualdade, esta seria sinônimo de homogeneidade cultural (tipicamente ocidental) e religiosa. Linares (2008, p.33) explica:

A igualdade, por mais desejada que fosse, era difícil de conseguir em um país com a pluralidade cultural e étnica do México. Para começar, chama a atenção que as leis que a declararam, estavam escritas unicamente em espanhol, quando a maioria da população do novo país era indígena e falava outros idiomas⁵.

No governo de Porfírio Díaz⁶, muitos indígenas abandonaram seus costumes e assumiram outra identidade, a dos mestiços. Em 1808, a população indígena era de 60%. Em 1921, caiu para 29%, sendo que a dos mestiços subiu de 23% para 59%. Desde então, a fronteira entre indígena e mestiço tem sido tênue e permeável, permitindo que grupos e indivíduos se movam de um lado para o outro segundo as circunstâncias políticas (Linares, 2008, p.39).

Somente nas décadas de 30 e 40 do século XX, o Estado inicia programas envolvendo ciência e educação para os indígenas, promovendo a integração por meios pacíficos. Essa política foi firmada com a criação do Instituto Nacional Indigenista (INI). Ainda que sem a totalidade dos direitos democráticos, os indígenas passaram a representar politicamente seus grupos. Com o movimento de urbanização a partir dos anos 70, pertencentes de várias etnias que saíram de suas comunidades para os grandes centros, adotavam os modos dos mestiços e a língua espanhola.

⁴ No caso, crioulos e mestiços.

⁵ Tradução livre da autora para todos os textos desse autor.

⁶ Presidente do México entre 1876 a 1880 e de 1884 a 1911.

Como será visto no item a seguir, a questão latifundiária vem sendo a maior causa de desigualdade social entre os povos indígenas. Linares (2008, p. 43) escreve:

A já difícil situação dos indígenas tem piorado nas últimas duas décadas devido ao governo mexicano ter abandonado as políticas agrárias que se estabeleceram depois da revolução e terminado com a divisão agrária, ao mesmo tempo em que eliminou o subsídio e a proteção comercial que antes dava aos produtores agrícolas das comunidades campestres, mestiças e indígenas⁷.

2.3 LUTAS INDÍGENAS PELO USO DA TERRA

A América Latina ainda herdaria da colonização o conceito de latifúndio, fruto de controle das terras recém-conquistadas, povoamento e produção agrícola escravista ou pelo regime de peonagem⁸, como é chamado no México. A maioria dos latifúndios arrasou os solos e, novamente, índios e negros trazidos da África foram exterminados em nome do ritmo acelerado da colônia. Como panorama desse problema que se arrasta até a atualidade, Galeano (1986, p. 72) escreve:

O Nordeste era a zona mais rica do Brasil e hoje é a mais pobre; em Barbados e Haiti, residem formigueiros humanos condenados à miséria; o açúcar converteu-se em chave mestra do domínio de Cuba pelos Estados Unidos, ao preço da monocultura e do empobrecimento implacável do solo. Não só o açúcar. Esta é também a história do cacau, que iluminou a fortuna da oligarquia de Caracas; do algodão do Maranhão, de súbito esplendor e súbita queda; das plantações de seringueira na Amazônia, convertidas em cemitérios para os operários nordestinos recrutados em troca de moedinhas; das fazendas de sisal, em Yucatán, onde os índios yaquis foram levados ao extermínio.

No México de Cortez, a primeira distribuição de terra foi destinada ao assentamento de espanhóis nas várias áreas colonizadas, através de concessões de terra e privilégios dentro do governo do município. Como as mulheres se relutavam a sair com seus maridos da Espanha, Hernan Cortez percebeu que sem elas logo as colônias entrariam em colapso. Então, ele decide

⁷ Tradução livre da autora.

⁸ Regime de trabalho em que o empregado fica preso à propriedade por dívidas com o proprietário, pagando o que deve com sua força de trabalho.

que cada assentado, se fosse casado, trouxesse sua esposa durante o tempo de 18 meses sob pena de perder sua terra. Se o marido fosse pobre, o governo o ajudaria. Outra lei obrigou o proprietário solteiro a se casar dentro do mesmo período, sob a mesma pena. (Prescott, 2002, p. 485).

No período colonial, o método de produção de dava através da encomienda, latifúndios que a coroa espanhola concedia aos conquistadores, juntamente com um número de indígenas como mão-de-obra. Como a Espanha não permitia o comércio de manufaturas, e com a ausência de uma imigração camponesa e burguesa, o México não vivenciaria durante muito tempo uma classe capitalista que impulsionasse o desenvolvimento industrial, atravancando a economia. O trabalho assalariado surgiria somente no século XVIII. “A independência – como mais tarde a Reforma de 1856 – é um momento histórico destinado a resolver a questão agrária e a fazer eclodir uma nova classe social: a burguesia produtiva. Mas tal não ocorre.” (Nunes, 1980, p. 21)

A independência, na verdade, surge do interesse, político e militar dos grupos dirigentes da colônia (Igreja, Exército e Oligarquia), em manter o sistema feudal de produção colonial em função do interesse europeu, principalmente o inglês⁹. Nivelaram-se os direitos dos índios com o dos criollos¹⁰, que passaram a pagar impostos e dízimos. O índio e o camponês não conseguem se livrar do trabalho escravo na medida em que se endivida dentro das haciendas (fazendas), trabalhando como peóns. A escravidão por dívidas era o sistema real de trabalho nas plantações de sisal de Yucatán, nas de tabaco do Valle Nacional, nos bosques de madeira e frutas de Chiapas e Tabasco e nas plantações de seringueira, café, cana-de-açúcar, tabaco e frutas de Veracruz, Oaxaca e Morelos (Galeano, 1986, p. 133).

⁹ A Inglaterra, após a revolução industrial e o desenvolvimento da indústria têxtil, conquista o mercado latino-americano, incentivando a independência das colônias espanholas.

¹⁰ Descendentes de europeus ou filhos de uma união em que um dos pais era espanhol.

Após a independência (1810), o México consolida e reforça o procedimento que “feudaliza” o índio e o camponês através das dívidas contraídas nas tiendas de raya¹¹, e outros domínios, rurais e urbanos (Nunes, 1980, p. 22). Uma série de eventos desestabiliza o México. Entram em cena os levantes militares, rebeliões indígenas e a guerra com os Estados Unidos de 1846 a 1848. Nunes (1980, p. 24) descreve a situação indígena no período pós-revolução:

Os pueblos de índios não recuperam as terras perdidas e nem obtiveram outras que teriam podido melhorar suas condições. A decadência da pequena propriedade indígena, que já é bastante marcada no início da Independência, sobretudo no Norte e no Extremo-sul, continua a se acentuar graças às desordens políticas muito freqüentes. O clero concentra em suas mãos a maior parte da propriedade fundiária: capitais amortizados, improdutivos, sem circulação, entram o aparecimento de um comércio e de uma indústria que o poder civil é incapaz de financiar.

2.3.1 Emiliano Zapata e a revolução pela reforma agrária

No México em que nasceu Emiliano Zapata, ainda reinavam os senhores de terras. Cerca de 800 latifundiários detinham quase a totalidade do território nacional. Zapata nasceu no estado de Morelos em 1879, no então governo de Porfirio Díaz. Numa população de 15 milhões de pessoas, 12 milhões dependiam de salários rurais, pagamento este que se dissolvia quase inteiramente em dívidas nos armazéns das haciendas.

Na guerra contra os Estados Unidos, o México havia perdido os territórios atuais de Colorado, Arizona, Novo México, Nevada e Utah, mais da metade do país. O resto de seu território estaria depois sob invasão dos investimentos capitalistas norte-americanas no cobre, no petróleo, na borracha, no açúcar, no banco e nos transportes. “Outras vezes a exploração da mão-

¹¹ Estabelecimento que concedia crédito para compras de abastecimento do campesino, localizado dentro das haciendas.

de-obra escrava era direta, como descobriu Turner¹². Um administrador norte-americano lhe contou que pagava os lotes de peões empregados a cinquenta pesos por cabeça (...) Em menos de três meses enterramos mais da metade”. (Galeano, 1986, p. 134)

Emiliano Zapata, então politizado pelo movimento camponês do Sul, decide lutar contra as injustiças sociais causadas pela servidão nas terras dos latifundiários e parte junto a outras pessoas com os mesmos ideais na formação de um exército libertador. O movimento ganhou dimensão nacional e Díaz saiu do poder, entrando Francisco Madero em seu lugar. Mas apenas foi trocado o nome do presidente e mantida a inércia da reforma agrária. Então, em 1911, Zapata criou o Plano de Ayala, constando que “a imensa maioria das gentes e cidadãos mexicanos não são mais donos senão do terreno que pisam”, ou seja, a tão esperada reforma agrária, que devolveria as terras à população indígena e que se transformaria em grande desenvolvedor econômico.

Zapata haveria de lutar contra o governo e contra os ataques norte-americanos às tropas do líder revolucionário. Outros capítulos de destruição e morte foram adicionados à história do México, e, se de um lado os contra-revolucionários se empenhavam com todas as armas contra Zapata, este também se defendia. Após unir forças com Pancho Villa¹³, conseguiu a vitória e o poder de governo para oficializar a reforma agrária.

A reforma se consolida e as fazendas dos inimigos da revolução foram consideradas de propriedade nacional. Os latifúndios se desfizeram em terras para as comunidades indígenas, impulsionando a economia de produção agrícola, e as democracias locais se tornaram a fonte principal de poder. A revolução, de caráter tradicionalista, fragmentava o modelo de reforma agrária de acordo com cada povoado. (Galeano, 1986, p. 137).

¹² John Kenneth Turner, escritor norte-americano que escreveu o livro *México Bárbaro*, publicado nos Estados Unidos em 1911.

¹³ Mexicano e trabalhador rural até os 16 anos, Pancho Villa se torna figura importante contra a ditadura de Díaz.

A fase de mudanças não tardaria a se retroceder. Em 1915 Venustiano Carranza, antes companheiro de Zapata e Pancho Villa, conquista a presidência, e, na análise de Galeano (1986, p. 137):

Em 1916, se lançaram sobre Cuernavaca, capital de Morelos, e as demais comarcas zapatistas. As culturas, que voltaram a dar frutos, os minerais, as peles e algumas maquinarias, foram um espólio excelente para os oficiais, que avançavam queimando tudo por onde passavam e proclamando, ao mesmo tempo, “uma obra de reconstrução e progresso.”

Em 1919, Emiliano Zapata foi vítima de uma emboscada. Morreu e virou símbolo de luta pela distribuição justa de terra no México até os dias atuais. Em 1934, com a presidência de Lázaro Cárdenas, os mexicanos puderem sonhar novamente com a reforma agrária. Com a expropriação de 67 milhões de hectares que estavam nas mãos de empresas estrangeiras ou nacionais, a produção agrícola acelerou a economia, juntamente com a modernização da indústria.

Mas a América Latina (com exceção de Cuba), espoliada pelo interesse estrangeiro, se deixa levar pelos investimentos do capitalismo estrangeiro, e as terras do México acabaram voltando para a iniciativa privada ou nacionalizadas a serviço do capital. Os minifúndios se espalharam e a burguesia agrícola se dedicou à exportação em grande escala. Por volta de 1970¹⁴, 60% da população do México possuía renda menor que 120 dólares por ano. Oito milhões de Mexicanos não consumiam outra coisa além de feijão, tortas de milho e pimenta (Galeano, 1986, p. 138).

A agricultura de subsistência, centrada nas plantações de milho, entrou em crise a partir dos anos 60, quando o governo baixa os preços dos alimentos para que sejam vendidos mais baratos na cidade, além de concentrar apoio na agricultura de exportação, em detrimento à

¹⁴ Resultado da pesquisa de Edmundo Flores publicada em *Adonde va la economia de México?* em *Comercio exterior*, vol. XX, nº 1, México, janeiro de 1970.

produção nos ejidos¹⁵. Ao passo que a produção diminuía, a população de indígenas e campesinos aumentava. Esse processo, por um lado ocasionou o aumento no êxodo rural, e por outro, o emprego da mão-de-obra indígena nas plantações comerciais de café, tomate e frutas, mantendo-os dependentes da variação de preço desses produtos no mercado.

A Selva Lacandona, localizada no leste do estado de Chiapas ofereceu, desde a década de 50, refúgio para os indígenas que perderam suas terras e a prática da agricultura de sub-existência para os mesmos grupos. (Rivello, 2008, p.12) Com o passar dos anos, a situação das comunidades indígenas sem terra foi se agravando, até que na década de 90, as políticas agrárias se tornam ainda mais desiguais com o fim da reforma agrária e a impossibilidade de concessão de novas terras pelas comunidades dos ejidos. É quando a situação se torna insustentável.



Figura 1 – Localização do estado de Chiapas no mapa do México.
Fonte: <<http://www.picktrail.com>>. Acessado em 4 de maio de 2009.

Linares (2008, p. 103) contextualiza: “O descontentamento ante essas mudanças, com a percepção de que rompiam o pacto com os campesinos estabelecido durante a Revolução

¹⁵ Propriedade rural de uso coletivo.

mexicana, tem sido uma das causas principais das mobilizações indígenas dos últimos anos, começando pela rebelião do EZLN em 1994.”

2.4 O EZLN E A BATALHA CONTEMPORÂNEA

O Exército Zapatista de Libertação Nacional surgiu através da união de um pequeno grupo político urbano, de orientação marxista-leninista, aos povos indígenas da Selva Lacandona, com o objetivo de se fazer escutar as vozes de vários anos de luta pela democracia e divisão justa da terra. Entre os grupos urbanos, se destacariam as Forças de Libertação Nacional, o FLN, organização clandestina que tinha células espalhadas por todo o México. O grupo, ideologicamente socialista, pretendia organizar um exército a fim de se preparar para uma revolução, a exemplo do que aconteceu em Cuba. (Rivello, 2008, p. 13)

Essa associação surgiu da vontade dos grupos urbanos de classe média se prepararem militarmente, após as alternativas políticas se fecharem no período em que o Partido Revolucionário Institucional¹⁶ (PRI) governou o México. Tal associação permitia ao grupo urbano utilizar a Selva como lugar de treinamento, ao mesmo tempo em que daria apoio à causa indígena, que também havia chegado à conclusão de que as vias pacíficas haviam se esgotado. (Ortiz, 2006, p.167) “Para as comunidades que iam aderindo ao Exército Zapatista, a principal preocupação era formar uma força de autodefesa contra os paramilitares sustentados por fazendeiros ou contra o próprio governo mexicano.” (Rivello, 2008, p. 14)

A luta armada se deu no dia 1º de janeiro de 1994, quando o México passou a ser parte do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta). O EZLN invadiu as cidades de Ocosingo, Altamirano, Las Margaritas, Chanal, Oxchuc, Huixtán e San Cristóbal de las Casas. A

¹⁶ Partido a que estiveram filiados todos os presidentes do México desde 1919 até 2000.

Primeira Declaração da Selva Lacandona¹⁷, ou o “Basta!” do movimento, já estaria preparada no primeiro dia do combate e explicava aos cidadãos:

Povo do México: Nós, homens e mulheres íntegros e livres, estamos conscientes de que a guerra que declaramos é uma medida extrema, porém justa. Há muitos anos os ditadores estão aplicando uma guerra genocida não declarada contra nossos povos. Por isso, pedimos sua participação decidida, apoiando este plano do povo mexicano que luta por trabalho, terra, teto, alimentação saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Declaramos a intenção de não deixarmos de lutar até conseguirmos o cumprimento destas demandas básicas, formando um governo livre e democrático em nosso país.

Foram doze dias de combate contra o exército federal, até que o governo e o EZLN estabeleceram uma trégua para o diálogo, que encontrou como meio a Internet. “Com o fim do conflito armado, o EZLN se recolheu à Selva Lacandona, inaugurando uma original ação política, através do diálogo com a sociedade civil mexicana e internacional, com as comunidades indígenas, com a imprensa nacional e internacional e com o governo mexicano.” (Felice, 2004, p. 288)

Além dos comunicados e da manutenção do diálogo em rede, os insurgidos convidaram a sociedade civil para debates políticos na Selva Lacandona. Em agosto de 1994, aconteceu a Convenção Nacional Democrática, em que o EZLN convidou a sociedade mexicana para uma discussão sobre os rumos da revolução e sobre a transição para a nova sociedade, transformando a Selva em um grande anfiteatro. A pressão militar nos arredores da Selva Lacandona atraiu os olhares de ONG’s e cidadãos de várias partes do mundo que pressionaram o governo mexicano a cessar a repressão militar ao EZLN e aos seus simpatizantes. (Felice, 2004, p. 291)

Dois anos depois, revolucionários e federais firmaram o Acordo de San Andrés sobre Direitos e Culturas indígenas, mas no mesmo ano, os zapatistas suspenderam o diálogo, acusando o governo de não executar as medidas propostas. Os zapatistas passaram a fortalecer as

¹⁷ As declarações formuladas na Selva Lacandona estão disponíveis em <<http://www.ezln.org.mx>>.

comunidades por eles lideradas, ao passo que fortaleciam também o diálogo com a sociedade civil, e organizavam, ao longo dos anos, marchas, encontros e consultas populares. (Rivello, 2008, p.16)

O EZLN se propôs a ser uma organização descentralizada do poder, com os rostos cobertos se tornando a marca da unidade do movimento, ao mesmo tempo em que significava uma causa relacionada a todos os povos do México. Apesar do objetivo do EZLN incluir a não-hierarquia entre os revolucionários, a figura mais recorrente relacionada ao movimento é a do Subcomandante Marcos. Intelectual e poliglota, é o porta-voz do movimento e quem pronunciou: “Nós somos você”, reforçando a idéia de que ele não seria o líder da revolução.

Para Bisco Júnior (2007, p. 71):

Marcos sempre afirma que o EZLN não é apenas a sua figura. Sua prosa fluida, de leitura agradável que se utiliza constantemente do bom humor, citações literárias, referências culturais do universo indígena, os comunicados de Marcos criam uma relação privilegiada com alguns meios de comunicação e conquistam muitos leitores no México e em outros países. (...) A conquista de leitores não escolhe classe nem raças, os zapatistas se dirigem a um público alvo extremamente abrangente. Os comunicados são traduzidos nas principais línguas utilizadas no mundo e, para os próprios indígenas, fala-se nos diversos dialetos chol, zoque e tojobal.



Figura 2 - Subcomandante Marcos. Fonte: <<http://www.lajornada.unam.mx>>. Acessado em 19 de maio de 2009.

A Frente Zapatista de Libertação Nacional, FZLN, criada em 1996 e dissociada do EZLN pelo mesmo em 2005, atuou como uma organização paralela e desarmada, agindo como o braço civil e urbano dos zapatistas reclusos na Selva, divulgando o Movimento Zapatista a favor de uma conscientização política participativa na construção de uma nova sociedade. A Internet e o diálogo se tornaram o suporte e as armas do EZLN, permitindo o acesso à informação e à troca de informações, principalmente com a comunidade internacional. O site do EZLN¹⁸ se divide em dois outros sites, o EnlaceZapatista e o ZextaInternacional. Ambos divulgam notícias independentes e eventos relacionados à atuação zapatista em movimentos da sociedade civil, principalmente àqueles ligados à causa indígena.

¹⁸<[http:// www.ezln.org.mx](http://www.ezln.org.mx)>

As revoluções não representam nem uma sucessão de datas, nem uma acumulação de atos: são – ou procuram ser – “um novo cartear” da história, um empreendimento original em que nada mais tem sentido porque tudo passou a ter um novo sentido que repudia e desvaloriza os comportamentos e as atitudes antigas. Transformar a vida e o mundo implica a criação coletiva cotidiana de um novo conjunto histórico situado na “duração” que liga a história de outrora à história de hoje – o cotidiano – e ao mundo de amanhã: o projeto revolucionário é imanente ao mundo e, ao mesmo tempo, ingênua tomada de posse do cotidiano da vida.

(Decouflé, 1970, p. 43)



Fonte: <<http://www.lajornada.unam.mx>>. Acessado em 19 de maio de 2009

3 REVOLUÇÃO: MEIO OU FIM?

A América Latina, no século XX, viu renascerem os mesmos sonhos de independência política e econômica dos tempos da colonização. As revoluções Mexicana e Cubana representaram nacionalmente a luta pela divisão justa de terras, talvez o maior gerador de desigualdade social no continente. Luta essa também representada por vários movimentos que a organizam independentemente da idéia de nação, e sim, de grupos marginalizados pelo sistema econômico e social de cada país latino-americano, a exemplo do MST¹⁹ (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no Brasil e o próprio Movimento Zapatista.

Quanto às estratégias desses exemplos citados acima, obviamente, cada período da história tem suas circunstâncias únicas que delimitam as ações e os resultados finais da batalha. Por exemplo, o nível do desenvolvimento tecnológico de guerra atual impossibilitaria um confronto de caráter “cara-a-cara” como ocorreu entre os militares cubanos e as colunas organizadas por Fidel Castro em Sierra Maestra²⁰. Como referência dessa comparação, a Guerra do Golfo em 1991²¹ e a invasão do Iraque²² em 2003, combinaram a precisão de instrumentos de destruição em massa com o acompanhamento midiático em tempo real dos ataques. Por outro lado, seria impossível precisar os rumos do Movimento Zapatista sem o auxílio da Internet e até mesmo se ele teria resistido como uma revolução em aberto.

¹⁹ Movimento destinado a conscientizar e organizar os trabalhadores do campo para que lutem por mudanças na política latifundiária do Brasil, não visando apenas à distribuição de terras, mas a implementação de um novo sistema político para o país. (<http://www.mst.org.br>)

²⁰ Obstáculo geográfico de Cuba foi área de vários conflitos entre o exército cubano e os revolucionários comandados por Fidel. Dizia-se que a vitória em Sierra Maestra significaria praticamente a tomada da ilha.

²¹ Coalizão de 33 países liderada pelos Estados Unidos que atacou o Iraque, após esse ter invadido e anexado o Kuwait, acusando-o de vender petróleo a preços muito baixos. A Guerra do Golfo foi a primeira a ser transmitida pela TV.

²² Campanha militar liderada pelos Estados Unidos contra o regime de Saddam Hussein no Iraque e seu suposto programa nuclear.

Quanto aos objetivos dessas revoluções e movimentos, pode-se entendê-los a partir da obra de Alberto Melucci, em que o sociólogo descreve três modelos de conduta que os movimentos sociais podem adquirir, sendo que dois deles são particularmente importantes no presente trabalho. O autor caracteriza primeiramente o movimento reivindicativo, quando este se expressa no interior de uma organização, definida por papéis e funções. Poderíamos citar como exemplo os sindicatos, que lutam por adequações justas de condições de trabalho às várias categorias.

A Revolução Mexicana, que teve início em 1910, a Revolução Cubana de 1959 e o MST são exemplos do que Melucci identifica como movimento antagonista, que segundo o autor: “é uma ação coletiva portadora de um conflito que atinge a produção de recursos de uma sociedade. Luta não só contra o modo pelo qual os recursos são produzidos, mas coloca em questão os objetivos da produção social e a direção do desenvolvimento.” (Melucci, 2001, p. 42)

O Movimento Zapatista, até o momento deste trabalho, não se enquadra no tipo de conduta mencionado acima. Os zapatistas não demonstraram uma intenção de tomada de poder como uma revolução socialista ou comunista. Esse tipo de linha de ação seria representada nas características de um movimento político, seguindo a classificação de Melucci. Para o sociólogo, tal definição estaria presente nos movimentos que buscam uma maior participação nas decisões da esfera pública, se deparando com o desequilíbrio do jogo político que tende a privilegiar certos interesses sobre outros. (Melucci, 2001, p. 41)

O autor ainda teoriza que uma das razões da “vitória” do sistema (capitalista, suas democracias e leis de comércio) estaria fundamentada no grande número de movimentos reivindicativos e políticos, e na quase nula atuação de grupos que lutam por uma reforma de base, os chamados movimentos antagonistas. Melucci (2001, p.42) consente que essa idéia do antagonismo seja abstrata, mas justifica a necessidade de tal diferenciação:

Considero que ela seja importante em dois sentidos. De uma parte, porque os grupos dominantes em uma sociedade tendem a negar a existência de conflitos que atingem a produção e a apropriação dos recursos sociais. No máximo, reconhece a existência de problemas reivindicativos ou políticos dentro desses limites. De outra, é necessário reconhecer que nem todas as formas de ação coletiva são portadoras de conteúdos antagonistas e que os problemas funcionais ou políticos de uma sociedade têm uma autonomia própria.

Reconhecendo essa ausência de característica antagonista no Movimento Zapatista, fica a questão a ser analisada a seguir, sobre as bases dos movimentos políticos e no que eles acreditam como forma de mudar o quadro de desigualdade social, entre outras reivindicações. Para que se faça sentido uma guerra sem guerrilha, em que o campo de batalha é um sistema que digere suas crises e se torna ainda mais forte, há que se entender no que acreditam os idealizadores em uma aparente causa perdida.

3.1 A REVOLUÇÃO DO ESPÍRITO

O Zimbábue, país africano ao sul do continente, vive sob a ditadura de Robert Mugabe há quase 30 anos. Os direitos humanos são violados constantemente, os opositores do governo são torturados e muitas vezes executados. O terror e a miséria (o país tem a maior inflação do mundo) obrigam seus cidadãos a se refugiarem nos países vizinhos, enfrentando a morte em rios infestados de crocodilos e a xenofobia com que muitas vezes são recebidos além das fronteiras, principalmente com a África do Sul. (Godwin, 2008, p. 119)

Apesar da figura tirana atual de Mugabe, sua história seria capaz de transformá-lo em um herói, como foi visto durante muito tempo. Em sua juventude, lutou contra o regime racista por uma minoria branca que governava seu país, então chamado de Rodésia. Foi preso e se qualificou intelectualmente para voltar a lutar pelo chamado ZANU (União Nacional Africana do Zimbábue) e, através desse movimento, conseguiu chegar ao poder, após ser um dos líderes da

luta pela independência do país em 1980²³. Por vários anos, o Zimbábue foi um país próspero, com um dos maiores índices de crescimento do mundo, até que em meados dos anos 90, Mugabe lançou um plebiscito em que a população votou contra reeleições sem tempo determinado. Não aceitando resultado, o presidente se tornou aplicou um golpe de Estado no próprio governo, e Mugabe lançou uma nova era de ditadura que arrasou os índices econômicos do país. Como resultado que resume toda a situação de pobreza e violência que passa o país, a expectativa de vida da população do Zimbábue passou de 62 anos em 1990 para 36 na atualidade. (Godwin, 2008, p. 116)

No entanto, Tertious Nel²⁴, um cidadão sul-africano que nasceu em Zimbábue, durante as aulas de Inglês que leciona na Cidade do Cabo, foi perguntado durante uma de suas aulas por que a população do país não se organiza para derrubar o ditador. Segundo ele, a maioria zimbabuana não acredita que a revolução venha pela força. Após a experiência vivida, o que eles esperam é uma redenção democrática vinda do próprio colapso da ditadura de Mugabe.

A lógica de uma revolução sem violência passa muito mais pela subjetividade do que por soluções imediatas de acesso ao controle das políticas públicas. Portanto, um movimento que não pretende tomar para si o poder, desistiu de eleger um líder que fará com que as pessoas acreditem no ideal da igualdade, pois estará submetendo o povo ao mesmo parâmetro de controle pelo Estado. É reconhecer que qualquer forma de poder concentrado estará submetida a interesses de um determinado grupo. Holloway (2003, p. 37) é categórico: “A única maneira de se imaginar agora a revolução é como a dissolução do poder, não como a sua conquista.”

²³ De acordo com matéria publicada na Folha Online, editoria mundo. (<http://www.folha.uol.com.br> do dia 28 de março de 2008)

²⁴ A acadêmica foi aluna de Tertious Nel enquanto morou na África do Sul, entre 2008 e 2009.

John Holloway analisa o Movimento Zapatista como referência para uma de suas categorias²⁵ teorizadas em seu estudo, o poder-fazer, ou o antipoder. Essa categoria se encaixa ao Movimento porque se caracteriza como uma nova forma de organização social e democrática, desvinculadas da idéia da criação de um novo regime de Estado. O verbo fazer associa-se ao sujeito capaz de se opor à ordem estabelecida, contra o poder vindo de fora de sua capacidade de participar das decisões. O poder-fazer se refere ainda à negação do poder individual e à sua concentração no social. (Holloway, 2003, p. 39)

Os rumos desse quadro de mudanças significativas na organização do sistema e mesmo nos seus meios de produção (como é o caso das mídias independentes do México influenciadas pelos zapatistas) testam um modelo até então novo de revolução. Apesar do desgaste que carrega uma idéia revolucionária por parte dos setores desacreditados da sociedade, esse novo modelo surgiu em uma época em que o sistema ofereceu uma tecnologia de duas vias, tanto percussora da situação, quanto difusora do seu oposto.

3.2 UMA BREVE ANÁLISE DO MÉXICO NOS ANOS 2000

Algumas considerações a respeito da democracia, desenvolvimento econômico e social do México, nos ajudam a entender o cenário no qual estão atuando os protagonistas de uma revolução original, que está trilhando sua conquista de comunidade em comunidade, de idéias a ações práticas, do cotidiano local a influências internacionais. Para este ponto do trabalho, é pertinente a obra de Héctor Aguilar Camín, *México: a cinza e a semente*. O livro possui uma visão distanciada do zapatismo, e por isso mesmo torna-se importante para depararmos com os

²⁵ Holloway formula outra categoria, chamada de poder-sobre, ou poder político, suporte para o capitalismo, em que o poder individual é sobreposto ao poder do social.

problemas do México pensados na sua realidade de governo, e qual o território contemporâneo em que o Movimento Zapatista está inserido.

As eleições presidenciais de 2 de julho de 2000 foram cruciais para uma nova forma de democracia do México. O PRI (Partido Revolucionário Institucional), após 71 anos, finalmente perdera a representatividade na figura do Presidente da República. Mas a ascensão de um candidato da esquerda, Vicente Fox, do PAN (Partido da Ação Nacional), não significou uma real vitória da oposição, uma vez que as bancadas do PRI e PRD (Partido da Revolução Democrática) somam a maioria no Congresso. Além da alternância de poder, o México experimentou uma eleição livre. De 1940 a 1988, candidaturas independentes foram sufocadas pelo aparelho oficial. “A partir de 1988, a obsessão do país foi a de tornar transparente o processo eleitoral, afastando-o do controle do governo.” (Camín, 2000, p. 30)

O autor distingue quatro grandes transformações no México desde a conquista espanhola, em 1521. Em primeiro lugar, o processo de colonização e evangelização dos séculos XVI e XVII, que origina propriamente a nação mexicana, que não é a sociedade indígena nem a espanhola, e sim sua mistura. Em segundo, a independência do México em 1821, logo após o desmoronamento do império espanhol na América. Em seguida, A reforma liberal de meados do século XIX e, por fim, a Revolução Mexicana de 1910. Contudo, o século XX ainda veria uma quinta transformação, iniciada a partir da quebra das finanças públicas em 1982 que desafiou todos os pilares da política protecionista e paternalista do México. Camín (2000, p. 44) as expõe:

Disse ao país laico que a Igreja deveria retomar seus direitos públicos.

Disse ao país agrário que a distribuição de terras deveria chegar ao fim para permitir o desenvolvimento do campo.

Disse ao país sindicalista que a produtividade estava em conflito com os benefícios trabalhistas vigentes no México.

Disse ao país nacionalista que as oportunidades da nação não estavam em seu protecionismo, mas na associação aberta com o adversário histórico, os Estados Unidos, por meio do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta).

Entretanto, o que deveria dar fim ao atraso econômico do México, acabou por desestruturar a economia, desestabilizar o PRI, endividar o país e os mexicanos. A partir de então, o domínio do partido passou a ser contestado. A oposição adotou o lema da mudança histórica, e a reforma que o PRI iniciou, acabou por tirá-lo do governo. A eleição do dia 2 de julho mostrou claramente quem eram e o que queriam os cidadãos mexicanos (Camín, 2000, p. 48). Quanto mais jovens, educados e urbanos eram os eleitores, maior era a votação em Vicente Fox. O perfil oposto ainda caracterizava o eleitorado priista.

3.2.1 O Lugar das mudanças

O governo de Fox carregava o peso da responsabilidade de atender às expectativas de uma população ciente dos desafios de um mercado aberto à globalização. Logo após as eleições, Camín (2000, p. 56) escreve: “Existe uma disputa sobre o lugar que deve ocupar o país no mundo de hoje: o México deve olhar em direção ao norte desenvolvido ou em direção ao sul, em particular a América Latina, onde estão suas raízes e suas identidades culturais?” Para atender a qualquer demanda, era preciso analisar os entraves que impossibilitavam o México abrir espaço para qualquer reforma, principalmente, para implantar uma economia moderna.

Dentre esses entraves ou inércias, segundo Hector Camín, resumiremos aqui aquelas relacionadas às questões agrárias, plano de fundo de vários conflitos socioeconômicos no México e que deu origem a revoluções e reformas. A desigualdade social no final do século XX rendeu à população campesina uma escolaridade até duas vezes menor que a do restante da média da população, que, em 1996 era de 7,2 anos. Isso porque 60% da população não haviam recebido nenhum tipo de instrução ou completado o ensino fundamental. (Camín, 2000, p. 70)

A ilegalidade consentida, ou a negligência com respeito ao cumprimento da lei, é o ponto seguinte listado pelo autor. Segundo ele, o primeiro passo em direção à modernidade idealizada seria igualar o país legal ao país real, o que não seria possível antes que a própria sociedade passasse a aceitar a legalidade como o caminho mais curto para as outras mudanças significativas no país. Para Camín (2000, p. 76):

A aplicação sem exceção da lei é impossível ou suicida no México do começo do século XXI. Significaria pôr na cadeia, por evasão fiscal, todos os mexicanos que vivem da economia informal – um terço da população economicamente ativa. Significaria indiciar por roubo ou espoliação a imensa população urbana assentada em terrenos ilegais, e a volumosa população rural que espera, na posse ilegítima de terrenos invadidos, a palavra absolutória da autoridade. Um país de leis teria de prender os milhares de camponeses que plantam maconha, e não somente seus patrocinadores e compradores. Teria de tirar das ruas os vendedores ambulantes, em vez de ouvir suas demandas. Teria de dispersar com a força pública os contingentes de protesto que freqüentemente bloqueiam as vias de comunicação.

Outra situação crítica no México rural é a explosão demográfica, com destaque para as regiões onde se concentram a população mais pobre do país. De 1987 a 1991, a média era de quase cinco filhos por mulher nessas áreas, enquanto que, no Distrito Federal, essa média foi de 2, 15 filhos por mulher. Chiapas, na data da publicação da obra de Camín, tinha crescimento demográfico na média de 5%. Na região de Las Cañadas, berço do levante zapatista, a média era de 7%, enquanto a média nacional era de 1,4%. (Camín, 2000, p. 91-92)

A visão do autor sobre os problemas que a nova democracia deve saber inferir e, gradualmente, resolver, é pensada na urgência de se adequar às novas demandas do mercado mundial e da força produtiva e intelectual que a globalização exige. No entanto, o Estado liberal sustenta uma idéia que parece não pode levar a diante: oferecer condições iguais a indivíduos de classes econômicas diferentes. Então, quando se percebe que nascer em condições de pobreza

pode ser uma desvantagem invencível por toda a vida, se submeter às regras desse mesmo sistema parece outra idéia insustentável²⁶.

3.2.2 Os cidadãos do novo México

Para Héctor Camín, os novos atores que figuram a sociedade mexicana elegeram um México contraditório, tendo em vista que a democracia contemporânea parece não se encaixar no ideal revolucionário que permeia a noção de igualdade para aquele país, acostumado com seus heróis do passado. Um aspecto peculiar sobre a ilegalidade no México, como se percebe através de Camín, é que esta é fruto da própria legalidade, ou seja, da promessa do liberalismo (em que, supostamente, pessoas de diversas camadas sociais teriam a mesma chance de “vencer na vida”) que não teria sido cumprida.

A infração à lei é questionada no livro como um reforço da cultura da vitimação e das soluções imediatas sem que se pague ao Estado por isso. A ilegalidade que se transforma em poder político é vista como um entrave às questões de ordem e segurança do Estado. Camín, (2000, p. 124-125) expõe:

Transformados em coletividade, os cidadãos defendem sua parcela de ilegalidade até fazer parte do sistema político. (...) Cada vez que a autoridade usa abertamente seus recursos de coerção, é questionada pela sociedade. (...) Suspeita-se da legitimidade dos governantes, da validade dos seus motivos para exercer a violência legal.

O ensino de História e a memória coletiva mexicanos são criticados pelo autor por ser mais um entrave para o desenvolvimento modernizador no país. “A posteridade histórica mexicana tende a venerar os heróis derrotados e a desconfiar de personalidades vencedoras.” (Camín, 2000, p. 134) Para ele, além de injusta, a cultura do ódio ao estrangeirismo e à

²⁶ A idéia foi defendida por Leonardo Alejandro Gomide Alcántara, Mestre em Sociologia e Direito, durante o Grupo de Estudos do PREA - Programa de Educação Ambiental, em maio de 2009, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

modernização trazida pela burguesia, seria responsável pelo sentimento eterno de inconformismo com os fatos históricos e pela consagração da violência dos insurgentes. “A violência é a lógica parteira em uma sociedade injusta, abatida pela opressão.” (Camín, 2000. P. 133)

Os conceitos de heróis, vilões, atraso e desenvolvimento poderiam ser aplicados a qualquer personagem da história mexicana, desde que se escolha que tipo de sociedade ideal se quer desenhar. Para Camín, mudanças estruturais não são feitas através de uma revolução, e sim, de uma consciência coletiva aliada à confiança no Estado, que faria valer sua força, mas também ofereceria sua proteção. Significa eliminar a falta e o excesso, priorizar o pensamento positivista e deixar que o futuro ofereça mais sonhos do que o passado.

As condições para uma transformação social profunda no México parecem impossíveis. Pelo lado situacionista, elaborara-se um plano de governo baseado em consertar as falhas do passado, sem se esquecer da urgência do presente, e ainda evitar que levante revolucionários, como o de Chiapas, tome proporções ainda maiores. Pelo lado opositor, movimentos como o Zapatista ainda enfrentam resistências, repressão e não se propõe a ser uma forma de governo, pelo contrário, parecem repudiar formas de governo, sejam elas capitalistas ou socialistas. Para que o compromisso com a mudança seja praticável, uma sociedade há que entender a si mesma para saber questionar os seus problemas e inferir suas possíveis soluções.

A conscientização coletiva é uma tarefa talvez ainda mais difícil, porque está submetida, na maior parte das vezes, a informações dos veículos oficiais de comunicação. A mídia alternativa surgiu para suprir uma necessidade mais urgente à mudança social do que a carência econômica. Como o sociólogo francês Alain Touraine já havia declarado: “a miséria não explica a revolta e menos ainda a revolução, pois esta supõe um objetivo, uma imagem da liberdade que permita pelo menos reconhecer a própria miséria.” (Touraine apud Decouflé, 1970, p. 22)

3.3 Os meios de comunicação a serviço de um ideal

A comunicação alternativa está constantemente associada aos movimentos sociais e, por vezes na História, é vista na clandestinidade e na subversão. A linguagem idealizadora, contrária às ditaduras do século XX na América Latina²⁷ falava diretamente às minorias, forças em potencial para a revolução socialista. Felice (2004, p. 285) analisa o surgimento dessa comunicação paralela:

Resulta importante assinalar como o conceito de “vanguarda”, do modo em que foi formulado pelas teorias leninistas, orientou politicamente a totalidade das organizações clandestinas, influenciando fortemente sua organização e as formas de comunicação. Esta última se caracterizava por uma reprodução fiel de lemas e palavra de ordem, comunicados políticos, análises sócio-econômicas e programas revolucionários, divulgados local e nacionalmente através da imprensa e das ações militares.

O meio que se destaca nesse período é o rádio, por seu maior poder de alcance, atingindo as massas populares e as autoridades. Aliado a isso, pode-se destacar o baixo custo da transmissão radiofônica se comparada aos outros meios (impressos e audiovisuais) e ao carisma transmitido pelos locutores, cujo papel é falar em pé de igualdade com os seus ouvintes, levando-os a crer que aquele chamado é importante, e assim, o sujeito torna-se valorizado.

Apesar dessa revolução nos veículos midiáticos no contexto da guerra fria, em especial na comunicação pelo rádio, a comunicação era fortemente partidária e unidirecional. “Em tal concepção-prática, é evidente a passividade do receptor e a sua subordinação à mensagem.” (Felice, 2004, p. 285)

Essa característica do rádio, de mobilização das minorias, foi adaptada pelos movimentos sociais, tornando-a mais democrática no sentido da produção do conteúdo fornecido. Aliado ao grande poder desse veículo de comunicação, por ainda estar presente no cotidiano

²⁷ Massimo Di Felice considera principalmente as experiências dos anos 70 e 80 no interior dos processos de luta na Nicarágua, em El Salvador, na Guatemala, na Colômbia e no Peru.

principalmente das populações economicamente carentes da América Latina, as rádios alternativas e comunitárias ganharam força de coesão social, de inclusão e de reconhecimento. Cabe ressaltar a definição de Cicilia Peruzzo (2008, p. 3) para comunicação alternativa. Segundo a autora, a aplicação desse conceito se encaixa aos meios que se pautam “pela desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político-conservador”. Sendo assim, podemos entender comunicação comunitária, ainda segundo Peruzzo (2008, p. 4), que utiliza o termo “popular-comunitária”:

É uma modalidade de comunicação que se constitui no bojo de dinâmicas voltadas à mudança social – ampliação da cidadania – ou, em outros termos, de uma comunicação para desenvolvimento, melhor dizendo de comunicação para transformação social ou para a cidadania, conforme preferimos denominar.

No México, em especial, as rádios comunitárias tornaram-se objetos de estudo desse trabalho por agregarem funções sociais do caráter próprio ao conceito geral de rádio comunitária e por prestar um forte serviço de conscientização política. Neste sentido, entende-se também como política o próprio fazer comunicacional. “A melhor forma de entender a mídia é fazer mídia” (Peruzzo, 2006, p. 13) Aliada ao Movimento Zapatista, essas rádios estão sendo mediadoras da causa indígena, que além de se configurar entre a parcela mais pobre da população, ainda tem que conciliar suas tradições ao mundo em desenvolvimento, às transformações econômicas e encontrar seu próprio papel social. Essas rádios ainda fornecem a ligação entre pessoas que saem de suas comunidades de origem, resgatando conceitos de identidade que poderiam facilmente ser extintos sem esse elo²⁸.

Por fim, a inclusão dessas rádios na Internet configura uma dialética interessante. A Rede, por vezes criticada pela sua “invasão sem licença” nas culturas (principalmente as ocidentais) e pela exclusão digital que dissemina, também se configura como uma nova

²⁸ Ver pág. 60.

oportunidade. Como no século XX o rádio passou a fazer parte de uma enorme transformação social, a Internet parece trilhar o mesmo caminho.

O Movimento Zapatista pareceu sintetizar as questões pendentes do final do século XX no México (que poderiam se estender a outros países latino-americanos), como a descrença no neoliberalismo e nas democracias oficiais, a injustiça social agravada no campo, a exclusão das culturas indígenas no processo de desenvolvimento sócio-econômico, e o desejo de uma mudança profunda na sociedade, uma ferida aberta na América Latina.

O Movimento encontrou no espaço digital, ou o ciberespaço, uma ferramenta de disseminação, ataque e defesa, até então impossíveis por outros meios. Desde os primeiros dias de janeiro de 1994, quando o levante zapatista foi anunciado, o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI) já estaria preparado para tomar a frente das notícias publicadas, ao invés de serem apenas reportados. Bisco (2007, p. 50) cita os exemplos: “O Jornal ‘La Jornada’ – o primeiro a reproduzir a ‘Declaración de la Selva Lacandona’ – e os simpatizantes mexicanos do movimento zapatista se encarregavam de colocar os textos do EZLN nos endereços eletrônicos que foram surgindo com informações de Chiapas.”

John Downing aborda em seu livro, *Mídia Radical*, a influência da Internet ao cobrir as ofensivas militares mexicanas de minar o movimento. Um relatório sobre o México, redigido no dia 13 de janeiro de 1995, foi redigido por um consultor do Manhattan Bank, em Nova Iorque, e enviado aos seus clientes e senadores dos Estados Unidos, informando-os sobre a situação mexicana. Downing (2003, p. 300) transcreve trechos desse documento:

Há três áreas em que a crise monetária pode minar a estabilidade no México. A primeira é Chiapas; a segunda são as próximas eleições estaduais; e a terceira é o papel dos sindicatos dos trabalhadores. (...) O governo precisará eliminar os zapatistas para demonstrar seu efetivo controle sobre o território nacional e a política de segurança.

Esse memorando foi publicado na Internet e o fato se tornou um escândalo internacional. No entanto, poucas semanas depois, o governo mexicano tentou uma ação militar no México. O governo expediu ordens de prisão a alguns zapatistas, dentre eles o subcomandante Marcos, e sedes de ONG's mexicanas de direitos humanos foram arrombadas e vandalizadas. E, no dia 9 de fevereiro de 1995, o exército federal invadiu a comunidade zapatista de Aguascalientes e seus arredores. Os suspeitos foram seqüestrados e torturados. Comunidades indígenas foram saqueadas, tiveram seus campos queimados e seus sistemas de água contaminados. Os zapatistas e as organizações não governamentais associadas à sua causa apelaram para a solidariedade internacional. (Downing, 2003, p. 301)

O comunicado, publicado três dias depois das invasões militares, denunciava que o exército mexicano havia usado helicópteros para o lançamento de cinco bombas próximo às regiões de Altamiro e La Garrucha, assim como para metralhar outras comunidades. O comunicado denunciava ainda as torturas e as desapropriações nos territórios indígenas. Assim que as informações chagavam à Cidade do México, furando a barreira militar, eram rapidamente divulgadas pela Internet. Várias manifestações no México e nas embaixadas de países como os Estados Unidos, França e Alemanha foram invadidas ou boicotadas. Observadores em todo mundo e personalidades manifestavam sua indignação com a ação militar mexicana. No dia 13 de março de 1995, o governo foi forçado a suspender as ordens de prisão e a propor o diálogo. O conjunto de ações de solidariedade internacional “provou ser suficiente para interromper a ofensiva militar, embora os estragos jamais tenham sido reparados”. (Downing, 2003, p. 302)

Retornando ao trabalho de Massimo Di Felice (2004 p. 297), quando este diz que “Os comunicados foram de fato a arma que mais afligiu perdas ao inimigo (...) Os principais jornais e a Internet que os publicaram constituíram o meio de conjunção entre dois mundos que sempre estiveram separados e incomunicantes”, podemos inferir que a guerra das palavras pode ser

eficaz em um processo de transformação da sociedade em sua essência, convergindo com a sua cultura e “contaminando”, nas palavras do autor, outras realidades.

Para confirmar essa hipótese, Saint Pierre (2000, p. 211), conclui:

Por isso acreditamos que esse confronto bélico trouxe duas novidades importantes para o estudo da guerra revolucionária: em primeiro lugar, a utilização da guerrilha como tática para forçar a abertura do diálogo com objetivos meramente reformistas; e, em segundo, a incorporação de novas técnicas de comunicação que certamente revolucionam a história da guerra em geral, e da guerra revolucionária, em geral. Se, como dizia Engels, cada desenvolvimento técnico produz novas formas de guerra, a revolução da informática, sem dúvida, provocará alterações substanciais também na luta de classes que, talvez, permitam evitar sua expressão mais dramática.

3.3.1 Uma questão de estratégia

Para tentar aprofundar na questão estratégica da comunicação zapatista, procurou-se entrar em contato com integrantes diretos do Movimento no México, e talvez conseguir uma fonte que fosse responsável pela manutenção do site ou pela assessoria do envio de comunicados e notícias para outras organizações. Já que, pelo meio mais simples, que seria o site do EZLN, não há indicação de contato por parte do internauta por razões óbvias de segurança para o Movimento, então foi necessário conseguir um contato indireto.

Primeiramente, se tentou, através do e-mail anunciado no Programa de Rádio Zapatista²⁹, uma informação que levasse a alguém do interior do EZLN ou associado a ele, responsável por esse tipo de correspondência e que poderia conceder uma entrevista sobre os processos de comunicação dentro e fora do movimento. Nenhuma resposta foi emitida até a finalização deste trabalho.

²⁹ Ver pág. 56.

Uma segunda tentativa era mais razoável, pois o contato³⁰ pela Internet foi feito com um pesquisador de Juiz de Fora que havia viajado para o México estudar o interior do Movimento Zapatista, procurando o contato direto com o EZLN, para escrever sua dissertação de mestrado. Cassio Brancaloneone agora é doutorando em sociologia, e respondeu ao e-mail dizendo que a possibilidade de entrevistar alguém do EZLN a distância é quase nula pelo número muito grande de pessoas que desejam o mesmo e que, “mesmo para quem vai fazer um trabalho científico ou jornalístico lá, os zapatistas muito refratários, justamente pelo uso das ciências sociais pelos aparelhos de repressão (conhecer para melhor controlar e dominar) ou da informação pelos meios de comunicação (noticiar para desinformar)”. O pesquisador disse que foi para lá como ativista e se envolveu politicamente em uma organização que apoiava a luta dos indígenas no processo de construção da autonomia e do autogoverno. A partir das impressões dele, como militante, iria desenvolver sua tese de mestrado.

Ainda foi perguntado a Cassio Brancaloneone em que medida o Subcomandante Marcos é acessível, principalmente no que diz respeito à imprensa. A resposta: “Já sobre o Sub, os meios oficiais não se interessam muito em divulgá-lo, por razões óbvias. São os meios alternativos que sim, realizam entrevistas com ele, mas é isso, sempre é difícil, afinal, ele é o porta-voz do exército zapatista”. Cassio finaliza o assunto dizendo que esteve com o Subcomandante Marcos em duas circunstâncias, em reuniões ampliadas, onde ao final as pessoas concorriam “ferozmente” entre si por uma entrevista com a figura mais conhecida do Movimento Zapatista.

Mesmo que as questões inicialmente propostas não tenham sido respondidas, outra informação a respeito da comunicação zapatista foi revelada. Sabemos que o movimento, desde o início, criou uma estratégia comunicacional bem organizada. Constatamos que a Internet foi a

³⁰ O endereço de e-mail foi conseguido através de contatos em comum, entre esta acadêmica e o pesquisador, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

ferramenta mais precisa do apoio internacional. E não estaremos errados se concluirmos, após o referido depoimento por e-mail, que os zapatistas, ao usarem as palavras como armas, sabem que a imprensa mexicana, ou qualquer outra organização, também sabem usá-la do mesmo modo.

Para entender as características dos novos movimentos guerrilheiros e, sobretudo, do importante papel desenvolvido pela comunicação no interior das lutas sociais, é preciso ter presente o novo contexto sócio-econômico internacional, ou seja, o processo de globalização com suas implicações nas identidades, no conceito de espaço, na política e no surgimento de novas formas de conflito social.

(Felice, 2004, p. 288)



Fonte: <<http://jcsgarcia.blogspot.com>>. Acessado em 3 de junho de 2009.

4 INFLUÊNCIAS ZAPATISTAS NA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

O Exército Zapatista de Libertação Nacional, não só inaugurou uma nova forma de guerrilha no cenário dos conflitos mundiais, como utilizou os processos de globalização a favor da corrente oposta à lógica capitalista. Os ideais de liberdade, democracia e direito aos povos indígenas, negados por mais de 500 anos de história, ganharam um aliado sem fronteiras, de difícil censura e controle pelo Estado. A Internet se tornou um novo campo de batalha ao mesmo tempo silencioso e invisível, de grande alcance e de participação mais próxima possível da democracia para os grupos de apoio ao Movimento.

A tecnologia foi agregada aos chamados internacionais para a causa zapatista mais explicitamente no dia 1º de fevereiro de 1997, como narrou o *La Jornada*³¹, recortado por Felice (2004, p. 293):

Em solidariedade com o EZLN centenas de ativistas se apresentaram diante de mais de trinta consulados mexicanos em igual número de cidades estadunidenses, para protestar contra aquele que se classificou como um eminente estado de guerra e requerer uma solução pacífica com respeito ao Chiapas.

De Portland e Maine a El Paso, Texas, passando por Chicago e Los Angeles; como em Detroit, Austin, New York, Tucson e Denver, imigrantes mexicanos, indígenas, estudantes, pastores, ativistas pela paz, realizaram um dia de ação de solidariedade a nível nacional, convocado pela Comissão Nacional pela Democracia no México.

Também é fundamental visualizar a influência do Movimento Zapatista nas comunidades indígenas do México. A identificação com o Movimento configura-se como o princípio de uma série de modificações no ponto de vista dos povos indígenas como agentes de transformação social, e responsáveis pela manutenção de suas culturas e processos comunicacionais.

A maneira como os comunicados zapatistas se dirigem aos indígenas é outro fator que explica a adesão desses povos que se vêem representados nas palavras do Subcomandante

³¹ Jornal mexicano, atualmente também disponível em <<http://www.jornada.unam.mx>> .

Marcos, principalmente, como escreve Felice (2004, p. 297): “Neste sentido, a forma dos escritos já se configura, em si mesma, num conteúdo, na medida em que quebra a divisão entre emissor e receptor, colocando-se ao nível lingüístico-cultural do interlocutor.”

Outra forma de influência zapatista é analisada na questão do gênero. Entre as rádios da Rede de Radiodifusoras Culturais Indígenas, encontra-se a participação de mulheres indígenas e campesinas, que conquistaram o espaço público para atuarem no processo comunicacional, debatendo a problemática de seus cotidianos. (Barale, 2004, p. 159)

Além da questão do preconceito de gênero no campo do trabalho e na representação étnica a que lhes cabem em suas tribos, as mulheres indígenas ainda enfrentam a marginalização da informação, no que diz respeito à saúde reprodutiva, direitos humanos, agricultura de subsistência e educação. Em seu artigo, Barale (2004, p. 160) escreve:

A luta do Exército Zapatista de Libertação Nacional - EZLN, em Chiapas, fez visível não só a presença feminina ao longo do processo, e sim, pela primeira vez, deu um lugar de destaque às demandas, às denúncias, às esperanças e aos projetos das próprias mulheres indígenas como integrantes diferenciadas de seus povos.

Com o acesso à informação e como produtoras de conhecimento, as mulheres indígenas questionam os pontos de suas culturas, distinguindo os aspectos positivos e negativos de suas concepções de mundo, da exclusão da mulher como agente de transformação social e como certas atitudes podem modificar a comunidade para seu bem-estar, sem que a identidade do grupo seja colocada de lado.

O EZLN abre espaço a vários campos de discussão em diferentes níveis da sociedade mexicana, se utilizando do sincretismo cultural que é o México contemporâneo, incentivando uma linguagem que rompe com os paradigmas de se fazer política e comunicação na América Latina. O levante indígena através das palavras se faz por meio de conteúdos próprios e tradicionais, sem se tornarem arcaicos.

4.1 IDENTIDADES INDÍGENAS E SUAS REPRESENTAÇÕES

A fim de que a noção de identidade seja melhor apreendida quando tratamos de um grupo específico, é necessário que se tenha uma visão ampla desse conceito. Em uma visão sociológica do termo, Zygmunt Bauman compara a própria definição de identidade com o conceito analisado em Durkheim³², quando este diz que as identidades coletivas, ao mesmo tempo em que segregam setores da sociedade, são aliadas no processo de criação de novas ordens sociais. As identidades não existem pré-definidas, e sim, são um objetivo, uma construção.

Para Bauman, essa preocupação é recente e bem encaixada nos estudos da sociologia. Segundo o autor, a identidade é algo que precisa ser inventado, e não descoberto. Deve-se ou partir do zero ou escolher alternativas e defender a identidade de um certo modo conquistada, ainda que para isso não seja revelada essa característica fugaz e incompleta do próprio termo identidade. Bauman (2005, p. 22) prossegue:

Atualmente, é mais difícil esconder essa verdade do que no início da era moderna. As forças mais determinadas a ocultá-las perderam o interesse, retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para nós, homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente.

Com base nesse conceito mutável que o termo representa, Bauman analisa outra conjuntura contemporânea que ronda essa indefinição. A forma com que os grupos do topo hierárquico do poder transformam a noção de identidade vigente, criando novas formas de convívio estabelecido e, conseqüentemente, aceitação social. Como conseqüência, a parcela excluída por esse sistema se torna escrava de sua própria identidade, como um fardo a ser carregado.

³² Émile Durkheim, sociólogo francês (1858 – 1917), considerado um dos fundadores da sociologia moderna e teórico da coesão social.

Para Bauman, a maioria de nós está no purgatório entre esses dois pólos, muitas vezes sem saber e poder controlar as situações que nos agradam e ainda saber encontrar as adequações que nos permitam um sentimento de liberdade quanto à forma e a cultura que incorporamos. Para ilustrar outro ponto de vista sobre o caráter da identidade vista atualmente, Bauman (2005, p. 45) cita Max Frish, escritor nascido na Suíça, o país mais rígido quanto às transformações na identidade coesa da sociedade. Para ele, o termo identidade seria a rejeição daquilo que os outros desejam que você seja.

Outro fator de análise é a globalização vista em Stuart Hall. As compressões de distância e tempo são decorrentes desse processo e surgem como os principais fatores de alteração nas identidades culturais. Mudanças essas que, juntamente com a força da característica global de influência do capitalismo, se direcionam para a perspectiva de que as identidades nacionais estão sendo dissolvidas, ao passo que as identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas. “As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades - híbridas – estão tomando o seu lugar”. (Hall, 2006, p. 69)

A representação das identidades pós-globalização teve que lidar com novas referências de espaço-tempo, imediatas, de alcance imprevisto e de impactos até então inimaginados. Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólicos. (Hall, 2006, p. 71) A possibilidade de se romper com barreiras de espaço e tempo atraem os grupos para o campo de interação, de comunicação e de hibridismo.

Neste campo da “perda de parâmetros de identidade”, Nestor Garcia Canclini explana sobre a questão da atuação dos indivíduos identificados como grupos marginalizados, de exporem suas características e identidades no espaço agregador na sociedade atual: a mídia. Canclini (2003, p. 289) contextualiza a identidade coletiva no espaço público de discussão (nesse caso

entende-se identidade coletiva não como a sociedade como um todo, e sim, grupos que se consideram pertencentes a outro sentido de sociedade):

As identidades coletivas encontram cada vez menos espaço na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco construtivo. A informação sobre as peripécias sociais são recebidas em casa, comentadas em família ou com amigos próximos. Quase toda a sociabilidade e a reflexão sobre ela concentram-se em intercâmbios íntimos. Como a informação sobre os aumentos de preços, o que fez o governante e até sobre os acidentes do dia anterior em nossa própria cidade nos chegam pela mídia, esta se torna a constituinte dominante do sentido público da cidade, a que simula integrar um imaginário urbano desagregado.

Canclini nos dá ainda a outra versão do papel da mídia, na questão da coesão social e identidades. Por muitas vezes generalizar o público telespectador ou ouvinte, os meios de comunicação de massa se tornam um quadro da sociedade atual, formado de fragmentos do cenário local ou mundial, cada um com seu contexto cultural e histórico, mas possibilitando que se tenha uma idéia do que acontece no espaço público com um todo (economia, política, saúde, violência, etc.). Divididos em editoriais, os acontecimentos refletem um pouco de cada segmento da sociedade, estando eles relacionados a identidades culturais ou à divisão de classes econômica.

No que diz respeito ao objeto de estudo deste capítulo, abordaremos ainda outra definição de identidade, a mais didática. Além das questões mencionadas acima, se faz preciso incluir o termo como o conjunto de características que nomeiam um cidadão mexicano como pertencente à parte da população total³³ e indígena. O censo do México é responsável pela contagem das duas partes da população, de acordo com características étnicas e culturais dos vários grupos que habitam o país.

Como elementos culturais de classificação, uma série de itens, a exemplo da língua, do território, dos cultos religiosos, das formas de vestir, das crenças e da história, fazem as pessoas de um grupo se distinguirem das de outro, sejam dos vizinhos da comunidade mais próxima, dos habitantes não-indígenas de sua região ou da cidade, ou dos estrangeiros. Esses

³³ De acordo com classificação do quadro no anexo 1.

elementos de identidade cultural se reforçam nas festas do patrono da comunidade, nas lutas políticas, na defesa pelo uso da terra, e nas relações de conflito que se estabelecem com outras comunidades. Quando isso se dá, os antropólogos chamam de “identidade étnica”. (Linares, 2008, p. 19)

As formas de representação de uma cultura não se restringem à apenas na construção da imagem de um povo. No âmbito da luta política, muitos povos indígenas mexicanos lutam pelo direito de governarem a si mesmos de acordo com suas tradições. Nas últimas décadas, surgiram no México várias organizações indígenas que buscam a participação na vida política e econômica de suas regiões e do país, bem como o fortalecimento da literatura e das artes. O país também vê a formação de intelectuais indígenas que escrevem e falam sobre seus povos. (Linares, 2008, p. 20)

A globalização, por vezes evidente nos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que desperta profundas desigualdades entre a cultura de massa e a cultura regional, também abre caminho, através, principalmente da tecnologia, para a inserção de produções não-governamentais e independentes, que por vezes também são incentivadores da participação comunitária. Como resultado do levante de 1994 e do uso da Rede para a difusão da luta por um México verdadeiramente democrático, Linares (2008, p. 128) comenta:

As comunidades maias de Chiapas que apoiaram o EZLN receberam a solidariedade de muitos grupos internacionais em boa medida devido a que eram indígenas. Esses grupos também souberam utilizar as tecnologias mais modernas, como o vídeo e a Internet para difundir sua cultura, suas idéias e suas lutas.

4.2 O ATIVISMO ZAPATISTA EM OUTROS PAÍSES: RÁDIO E INTERNET

O Movimento Zapatista é essencialmente de âmbito internacional, uma vez que o princípio do grupo é a informação independente e sem fronteiras, através do ativismo online. Os zapatistas de fora do México são grupos que atuam em Rede, conseguindo e organizando o apoio da sociedade civil para a causa mexicana, que em vários sentidos se configura como uma causa pelos direitos humanos associados às minorias como os indígenas e os campesinos.

Um exemplo desse ativismo em outros países é o grupo Europa Zapatista. “O grupo reúne várias alianças de apoio ao EZLN, funcionando como uma rede de redes, que busca ordenar um programa de ações simultâneas em diversos países europeus pela Internet.” (Rivello 2008, p. 43) No site Europa Zapatista³⁴, encontram-se notícias relacionadas diretamente sobre o México e o Movimento Zapatista em Chiapas (retiradas em sua maioria do jornal La Jornada e do site do EZLN), sobre mobilizações na Europa e a divulgação de boletins de comissões internacionais de observação dos direitos humanos no que diz respeito a ações do Movimento. (Rivello, 2008, p. 44) O site ainda disponibiliza arquivos para *download*, como cartazes (que podem ser usados no dia dos protestos), folhetos e jornais.

A capacidade de se espalhar para qualquer lugar do mundo, onde haja um computador ligado à rede e um militante, fortalece o Movimento Zapatista em número e vigília, tornando ainda de difícil monitoramento as informações por parte de seus produtores.

³⁴ <[http:// www.europazapatista.org](http://www.europazapatista.org) >

4.2.1 Análise do Programa de Rádio Zapatista

O Programa de Rádio Zapatista analisado³⁵ nesse item é uma transmissão mensal, ao vivo, através da frequência 94,1 na universidade New College of California, na cidade de São Francisco, estado da Califórnia, Estados Unidos. O programa foi executado em 53 minutos divididos em três blocos, em espanhol e sua música de abertura exalta o espírito de luta dos zapatistas. Os locutores foram mencionados apenas pelo primeiro nome: Antônio, Patrícia e Javier e se autodenominam zapatistas. A data é 5 de outubro de 2007.

O primeiro assunto a ser discutido é o 40º aniversário de morte de Ernesto Che Guevara³⁶, no dia 12 de outubro. Em seguida, é reproduzido um trecho de Diários de Motocicleta³⁷, em que Che fala sobre autonomia dos povos, revolução e guerrilha. Logo após, os locutores fazem uma relação com a memória de Che e o Movimento Zapatista. Javier levanta o primeiro questionamento a respeito da diferença entre os métodos de se fazer revolução, o proposto pelas palavras de Guevara e o que se encontra nas mensagens do zapatismo. O locutor concorda que a essência da mensagem é a mesma e Patrícia completa a idéia sugerida por ele, de que no discurso de Che se encontram referências à luta armada e, conseqüentemente, sanguinária em que o fim é derrotar o opressor, sendo que o discurso zapatista tem a mentalidade muito diferente. O movimento mexicano pretende evitar que esse tipo de guerrilha aconteça, deseja primordialmente sua autonomia, como por exemplo, a ser conquistada através de terras repossadas pelo próprio governo, sem que para isso haja uma tomada de poder.

³⁵ O programa foi ouvido a primeira vez na mesma semana em que foi executado em 2007, para apresentação de seminário para disciplina de comunicação comunitária e foi reanalisado para este trabalho. Encontra-se no anexo 3 o CD com o áudio do Programa de Rádio Zapatista.

³⁶ Revolucionário comunista que atuou na revolução cubana, sendo o braço direito de Fidel Castro quando esse governou Cuba.

³⁷ Filme dirigido por Walter Sales em 2004, baseado nos livros que Che e Alberto Granado escreveram durante a travessia que fizeram pelo continente sul-americano.

Antônio menciona o golpe de estado na Guatemala³⁸, presenciado por Che, tornando compreensível, na opinião do locutor, a revolta deste transmitida através de termos fortes em seu diário. Javier complementa fazendo um paralelo entre as revoluções em Cuba e Chiapas, sendo que a primeira tinha a característica de movimento de tomada de poder e mudança de regime em nível internacional (Che morreu na Bolívia, lutando também por aquele país), e a segunda visa a organização primeira da sociedade, partindo-se do princípio de que devemos construir a autonomia aonde estamos.

A reprodução seguinte do programa traduz esse caráter de revolução internacional proposta por Che, que faz referência à Guerra Fria, Estados Unidos e os problemas do imperialismo. O arquivo é um discurso do revolucionário, em que ele menciona os problemas de regime que o país africano da República Democrática do Congo³⁹ estava enfrentando na década de 60. Logo após, o primeiro bloco se encerra com um *rap* cantado em espanhol.

Patrícia começa o segundo bloco com o tópico sobre a situação em Chiapas, focado principalmente na repressão militar a que estão sendo submetidos os movimentos sociais no México. Javier inicia a discussão falando sobre as eleições locais em Chiapas, dizendo ainda que, apesar de ser um zapatista e não se crer na via oficial de democracia, segundo ele há de se opinar nessa questão, pois as pessoas o contestam dizendo que as eleições são a democracia funcionando. Ele cita uma reportagem do site CIEPAC⁴⁰ que analisa o contexto em que se as eleições iriam acontecer. O locutor diz que o governo do estado de Chiapas é responsável pela violação dos direitos humanos em várias comunidades zapatistas e, como no governo do ex-

³⁸ O golpe de Estado na Guatemala foi uma operação realizada pela CIA para derrubar o presidente democraticamente eleito, Jacobo Gusmán, em 1954.

³⁹ Após 1961, com o assassinato do presidente Patrice Lumumba, a República Democrática do Congo (atual Zaire) tomou características neocoloniais com o domínio econômico das empresas belgas e norte-americanas de mineração.

⁴⁰ Centro de Investigações Econômicas e Políticas de Ação Comunitária, disponível em <<http://www.ciepac.org>>.

presidente Vicente Fox (2000-2006), tudo seria negado e levado a crer que a paz estaria estabelecida naquele tipo de democracia.

A discussão segue com tópicos sobre os discursos políticos que tentaram mascarar a situação de repressão e militarização no México. Os locutores citam exemplos desses discursos dentro do PRD (Partido da Revolução Democrática), que, segundo Antônio, recicla políticos opressores vindos do PRI (Partido Revolucionário Internacional). Javier relembra que o discurso dos candidatos do PRD durante as últimas eleições (anteriores àquela época) era de apoio ao movimento zapatista, e Antônio retoma a questão da violência, dizendo que aqueles discursos do PRD são um insulto à memória das comunidades em Chiapas. Ele segue citando o poder que as multinacionais de petróleo exercem no México.

Quanto à questão da alta militarização do povo mexicano, Javier diz que para isso não há válvula de escape, então se teme os zapatistas, o PRD, empresas, e o governo ignora o contexto nacional, e não grupal, dos protestos. Antônio finaliza o bloco explanando sobre a questão entre o governo, zapatistas e o EPR (Exército Popular Revolucionário) e a verdadeira guerra envolvendo sanções e atentados entre os três segmentos. (Oficialmente o EPR não possui ligação com o Movimento Zapatista). Em seguida é tocada outra música do mesmo *rapper*, chamado Boca Flora, em outro intervalo do programa.

O último bloco retoma o assunto repressão no México, divulgando a Frente Contra a Repressão, grupo que estava reivindicando que se apresentassem com vida os 65 desaparecidos durante o governo do presidente Vicente Fox. Esse número não estava associado aos presos políticos ou às pessoas mortas, que se somariam às ações antidemocráticas do governo. Antônio ressalta que com o presidente Felipe Calderón (2006 -) já teriam sido contabilizados em menos de um ano de governo, 30 pessoas desaparecidas.

O locutor comenta que a só a Marinha do México havia recebido dos Estados Unidos uma quantia de 1.400.000 dólares. Javier associa tal apoio militar ao que aconteceu com Cuba na Revolução, quando os Estado Unidos havia ajudado financeiramente o governo daquele país, na campanha contra os revolucionários, e inicia outro tópico, relacionando que aonde há repressão há resistência. Em seguida, entra em pauta o encontro indígena que debateria a repressão e a militarização no México que aconteceria na primeira quinzena de outubro daquele ano (2007), em Bicom, lugar onde se situa a população indígena Yaqui. A Comissão Sexta do Movimento Zapatista estaria indo para lá, aproveitando para divulgar a detenção pelo governo de pessoas da Sexta, após considerarem que esse fato seria uma grande ameaça ao Movimento.

A locutora Patrícia faz a colocação, “não há resistência se não há apoio internacional” e cita, apesar do ativismo por parte dos zapatistas na Internet, que ela notou não haver muita comunicação entre os índios. A questão que estaria por vir, com relação ao encontro indígena, era a conexão desses povos norte-americanos que teriam que cruzar a fronteira entre os Estados Unidos e México para irem ao Encontro, e como seria a articulação de apoio a eles. Ela termina dizendo que os meios de comunicação alternativa ainda são poucos nesse sentido.

O final do bloco é dedicado ao contato com os ouvintes da Rádio Zapatista. Antônio divulga o e-mail da rádio, radiozapatista@gmail.com, e fala da necessidade de se obter o retorno do programa. Patrícia dá o endereço do site⁴¹ da rádio, www.radiozapatista.org, e Antônio elucida que através dessa comunicação poderiam ser obtidas informações sobre como chegar ao encontro indígena, divulgado durante o bloco. Antônio anuncia o tema do encontro: capitalismo, autonomia e reconhecimento da terra. Ele ainda enfatiza que o encontro seria o primeiro da

⁴¹ O site ainda encontrava-se no ar na data de publicação deste trabalho (07/2009) e os arquivos de áudio dos programas transmitidos podem ser baixados por ano ou tema.

história a reunir os indígenas dos Estados Unidos e México. Sobe mais uma música antes do terceiro bloco com as notícias locais.

O último bloco começa com mais um discurso de Che Guevara falando sobre o imperialismo como a “internacional do crime”, em mais uma referência à exploração e à discriminação com que estaria impondo os Estados Unidos à América Latina. Antônio faz uma associação do discurso de Che com uma experiência que o locutor havia vivido, quando a polícia matou um jovem na Avenida Martin Luther King em São Francisco. Ele comenta sobre a “mentalidade” dos policiais, quando, vendo que o jovem iria morrer sem socorro médico, chamaram duas viaturas e nenhuma ambulância, sendo que havia um hospital a uma quadra do local.

Patrícia diz que apesar de toda a citação de Che sobre o imperialismo, os mexicanos estão lutando para ter uma vida digna (e ela se inclui nessa condição) nos Estados Unidos. Javier iguala os dois países ao citar a questão da violência pelo Estado em Chiapas, dizendo que o México seria tão culpado quanto o vizinho do norte, ao violar os direitos humanos de seu próprio povo, dos indígenas de Chiapas, dos Zapatistas, e em várias regiões mexicanas. O locutor conclui dizendo que as palavras de Che, que se referem à construção da autonomia de um povo para que ele esteja apto para a revolução, é a principal mensagem para os povos mexicanos.

O espaço de avisos encerra o programa, divulgando um evento e convidando os ouvintes a escutarem a rádio no próximo mês, e a enviarem as sugestões, críticas e elogios para o e-mail da rádio. Os ouvintes são lembrados que os idiomas dos programas se alteram, sendo transmitido também em inglês. Antônio encerra a transmissão com o slogan da rádio: “Esto foi la Rádio Zapatista, Chiapas no se olvida”.

O Programa de Rádio Zapatista se faz notar pela expressiva ligação com a situação política do México e com os ideais zapatistas mesmo sendo executado fora do território de atuação *in loco* do EZLN. Apesar da forte ligação com o Movimento Zapatista e causas revolucionárias, há de se notar o senso crítico e intelectual na posição dos locutores ao compararem o discurso de um ícone do movimento revolucionário, como Che Guevara, com o discurso dos zapatistas. Talvez fosse muito mais conveniente associar os dois discursos ao invés de dissociá-los, uma vez que a popularidade de Che na América Latina é por vezes muito maior do que a dos zapatistas.

Por estar fora do alcance territorial de uma censura de imprensa, vê-se a política mexicana bastante criticada durante o programa, até mesmo acusada de mentir sobre a situação repressora aplicada aos movimentos de esquerda e de “desaparecer” com pessoas que se opuseram ao governo. O programa é executado para um público específico, como se quem o está escutando é alguém que também pensa de forma contrária ao que a política do México tende a levar a crer. Os locutores falam com a segurança e a liberdade de quem está protegido de qualquer repressão.

O Programa então insere uma questão fundamental do Movimento Zapatista: o apoio internacional. Isto é explicitado quando a locutora Patrícia fala da necessidade de se unir forças entre os comunicadores ligados à causa zapatista dos Estados Unidos e do México para a realização do encontro internacional entre indígenas. Quando os contatos possíveis entre os ouvintes e a rádio são anunciados (e mesmo o próprio meio de escuta do programa), verificam-se mais uma vez a importância e a necessidade prática da Internet para as idéias do Movimento. A participação popular e a veiculação de conteúdos independentes são forças atuantes como se o mundo virtual estivesse a salvo de qualquer ameaça real.

4.3 RÁDIOS COMUNITÁRIAS INDÍGENAS

Outra questão de análise se encontra na transformação da identidade cultural fruto da imigração de indígenas. Muitas vezes, forçados pela conjuntura econômica, falta de emprego e de oportunidades onde vivem, se transformam em mão-de-obra em outras regiões e no exterior, principalmente, nos Estados Unidos. Nesse sentido, destaca-se a função das rádios comunitárias indígenas que formam o elo de contato permanente entre os membros que saíram de suas comunidades e os que ficaram, proporcionando a manutenção dos laços étnicos e afetivos entre essas pessoas.

Para exemplificar a importância desse elemento coesivo da sociedade indígena, José Manuel Ramos Rodríguez (2004) pesquisou os programas de avisos das rádios que compõem o antigo Instituto Nacional Indígena (INI), recolocado na Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas⁴² (CDI). Rodríguez divulgou em seu trabalho a repercussão desses programas na construção e no fortalecimento de uma etnicidade a favor da luta e da sobrevivência, e da vigência de alguns dos principais referentes da identidade, como a língua, a memória coletiva, o vínculo com o território, e as formas de organização da sociedade indígena.

Os programas de avisos foram escolhidos pelo autor, pois, a população que carecia de sistemas regionais de comunicação, aderiu muito bem à idéia, fazendo com que esses programas se tornassem a parte essencial do modelo de radiodifusão da CDI. De acordo com o Rodríguez, 2004, p. 178:

⁴² Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas. Disponível online em <<http://www.cdi.gob.mx>>.

Ao colocar no espaço público os assuntos da cotidianidade regional, os avisos constantemente recordam à escuta que seu entorno é mais amplo do que os limites da comunidade e dos povoados vizinhos. Além do mais, os avisos não funcionam só para a comunicação entre duas pessoas, sendo que freqüentemente se trata de mensagens dirigidas a grupos específicos ou comunidades inteiras, da mesma maneira, as mensagens se originam, em ocasiões, por sujeitos grupais⁴³.

O autor também pesquisou mais a fundo a rádio XEZV La Voz de la Montaña⁴⁴, em Tapla de Comonfort, no estado de Guerrero, sul do México. A rádio transmite seus programas de avisos divididos em sete horas diárias e em quatro línguas: nahua, mixteco, tlapaneco e espanhol, todas com a mesma proporção de falantes. Antes do surgimento da telefonia nas comunidades indígenas, a maioria dos pedidos chegava por cartas ou através de terceiros. Também chegavam pedidos de outros estados e dos Estados Unidos, solicitando as mensagens. (Rodríguez, 2004, p. 179)

Para muitos moradores das comunidades indígenas, as rádios são os instrumentos da construção de uma unidade que permite aos pertencentes de uma comunidade se identificarem como tal, e, de acordo com Rodríguez (2004, p. 184), “não se trata, pois, de essencialismos ou resgates de uma etnicidade perdida na memória, e sim, de uma construção e desenvolvimento contínuos.” As rádios surgem nesse contexto como mais uma conquista pela democracia, da reivindicação do uso justo da terra ao direito destes cidadãos publicarem suas histórias pessoais e comunitárias.

⁴³ Tradução livre desta acadêmica para todas as citações referentes a este autor.

⁴⁴ Disponível em <<http://ecos.cdi.gob.mx/xezv.html>>.

4.3.1 Rádios comunitárias mexicanas interconectadas

As rádios comunitárias, rurais ou urbanas, são, em sua maioria, formadas por indígenas. Foram utilizados como instrumento de pesquisa, sites de organizações internacionais e mexicana que possibilitassem encontrar essas rádios e obter mais informações sobre elas. Essas organizações são a Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas (CDI⁴⁵), a Associação Mundial dos Radiodifusores Comunitários (AMARC⁴⁶) do México e o Projeto Global de Mídia Alternativa⁴⁷.

A CDI apóia e divulga 20 rádiodifusoras⁴⁸ culturais indígenas desde 1979, quando colocou no ar a rádio XEZV La Voz de La Montaña. As rádios estão disponíveis online⁴⁹ e um dos objetivos da CDI é utilizar as línguas indígenas como meio oficial de comunicação, conectando as etnias entre si. De acordo com o site da Comissão, as emissoras transmitem seus programas em 31 línguas indígenas. A AMARC possui outras 20 rádiodifusoras associadas, entretanto, são três rádios que possuem transmissão via web (até a conclusão deste trabalho), ao restante cabe a transmissão local e a comunicação por e-mail, contato que se encontra na página da AMARC.

O Projeto Global de Mídia Alternativa surgiu em 2007 e é um site disponível como suporte para pesquisadores e interessados na área da mídia alternativa em todo o mundo, divulgando projetos e possibilitando a interação entre eles. O site⁵⁰ disponibiliza tradução de seu conteúdo em seis línguas e funciona em uma plataforma wiki, ou seja, o seu conteúdo é desenvolvido por vários colaboradores. Um dos idealizadores do projeto é o pós-doutorando em

⁴⁵ <<http://www.cdi.gob.mx>>

⁴⁶ <http://amarc_mexico.org>

⁴⁷ <<http://www.ourmedianetwork.org/wiki>>

⁴⁸ Vide mapa no anexo 2.

⁴⁹ Página de acesso direto às rádios disponível em <<http://ecos.cdi.gob.mx>>.

⁵⁰ <<http://www.ourmedianetwork.org/wiki>>

Ciências Políticas, Benjamin Ferron, da Universidade de Rennes 1, na França. O pesquisador francês desenvolveu, como parte do Projeto Global de Mídia Alternativa, o Mapa da Mídia Alternativa⁵¹, permanentemente em construção.

O Mapa é elaborado a partir das ferramentas do programa Google Maps, um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite fornecido pela empresa Google. De acordo com Ferron em entrevista⁵² a esta acadêmica, seu objeto de estudo central é a relação entre o Movimento Zapatista e a comunicação alternativa do México. As radiodifusoras mexicanas, que estão indicadas no Mapa, são de várias origens e regiões, algumas disponíveis para a escuta online, outras com um breve histórico e o contato através de e-mail. Há ainda outras demarcações que indicam links de organizações relacionadas às mídias independentes do país, como o Centro de Meios Livres da Cidade do México (CML-DF⁵³).

4.3.2 O portal La Voladora Radio

O portal La Voladora Radio⁵⁴ encontra-se no Mapa da Mídia Alternativa e na rede da AMARC. O Portal surgiu em 2000, com o objetivo de ser uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais, tornando-se La Voladora Comunicación A.C. em 2003, possibilitando manter e divulgar projetos de extensão da idéia original do projeto. Sua sede situa-se em Amecameca, Estado do México.

Os projetos ligados ao portal, e disponíveis através dele, são: La Voladora Radio, estação comunitária com frequência autorizada 97,3 FM desde o ano 2005, quando se juntou a

⁵¹ <http://www.ourmedianetwork.org/wiki/introduction:presentation_project>, item 2.

⁵² Entrevista concedida através de e-mail a esta acadêmica no dia 25 de maio de 2009.

⁵³ <<http://www.cml.lunasexta.org>>.

⁵⁴ <<http://www.lavoladora.net>>.

outras 10 rádios comunitárias mexicanas sob o distintivo XHECA; La Voladora TV, espaço destinado à divulgação de vídeos independentes realizados por outras associações, artistas e diretores anônimos, bem como matérias que seguem os links das imagens alternantes na primeira página do Portal; La Voladora.net, notícias produzidas pela sociedade civil, produzidas por colaboradores do Portal ou reproduzidas pelo mesmo e La Revolución Sonora, projeto destinado à inserção de músicas produzidas por artistas independentes e, assim, incentivar a pluralidade do gosto musical dos ouvintes⁵⁵.

Outras formas de interação com a comunidade em Rede são o La Voladora Blog, aonde se pode acompanhar a produção dos programas e notícias de eventos, e o link La Voladora no MySpace, site de relacionamento pessoal.



Foto tirada no estúdio de La Voladora Radio no dia 30 de abril de 2009, mostrando um sorteio de rifa durante o programa Gracias por el recuerdo. Fonte: <<http://blog.lavoladora.net/>>. Acessado em 25 de maio de 2009.

Para escutar a programação do La Voladora Radio, há duas opções. A primeira seria clicar no botão “Escucha ya” (Escute Já), disponível em destaque na página principal. Ao clicá-lo, o programa que está se executando ao vivo no México pode ser escutado com alta definição

⁵⁵ Todas as informações referentes ao conteúdo do Portal La Voladora Radio foram embasadas em informações do portal citado acima.

de áudio (dependendo da velocidade de conexão com a Internet). A segunda opção são os *podcasts*, ou seja, arquivos de áudio disponíveis para *download* ou escuta direta, mas que tratam de assuntos específicos, de programas já executados.

Analisamos que o Portal La Voladora Radio cumpre satisfatoriamente o princípio encontrado em Peruzzo (2004, p. 1):

A rádio comunitária que faz juz a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. A emissora radiofônica comunitária permite ainda a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na gestão da emissora.

Dois pontos podem exemplificar, além do conteúdo do Portal como um todo, a citação acima. Durante a escuta do programa Comunic-arte, executado de 18h às 19h (horário do México, 20h às 21h horário do Brasil) no dia 25 de maio de 2009, foi observado um dos pontos que justificam essa conclusão.

O exemplo é a execução de uma anti-propaganda política durante os intervalos do programa. Um locutor alerta os ouvintes que a emissora é obrigada por lei a veicular a propaganda política em questão (foram escutadas duas propagandas do PRD) e que o conteúdo do mesmo não reflete o que a Radio La Voladora pensa a respeito da política mexicana. Ele ainda recomenda, em nome da emissora, que os ouvintes tenham ouvidos críticos para tal questão e não acreditem em tudo que se ouve dos partidos, e que eles não são a única maneira democrática de organização social, exemplificando com a situação em que se encontra o México desde muito tempo.

Outra advertência de interesse público foi notada durante as inserções dos alertas da Gripe Suína⁵⁶, como o uso correto das máscaras cirúrgicas descartáveis, formas de contágio, sugestões de vitaminas obtidas em alimentos comprados em feiras, e até mesmo dicas de como dividir o orçamento desses alimentos entre os membros de uma mesma comunidade.

⁵⁶ Doença respiratória aguda dos porcos e transmitida para o ser humano, causada pelo vírus H1N1 que se tornou uma epidemia no México em abril de 2009 e rapidamente se espalhou pelo mundo.

5 CONCLUSÃO

Abordar um assunto que envolve um processo histórico é se arriscar em um território por vezes passional. Mas como falar de América Latina sem excluir nossa americanidade e sem se sentir representado pelos ideais dos movimentos que prevalecem reivindicando providências contra injustiças históricas? O que foi realizado neste trabalho é uma análise de visões de escritores americanos que estiveram ligados diretamente ao Movimento Zapatista e também de autores com uma visão mais distanciada da causa.

Sendo assim, procurou-se captar mais de uma corrente de pensamento, sem fugir de uma teoria enraizada, do conhecimento de causa. Pôde-se chegar com mais propriedade ao objeto estudado, para visualizar as influências políticas de mobilização e transformação das sociedades indígenas. Nesse quesito, é importante ressaltar a reafirmação da identidade de várias etnias, após se identificarem com o zapatismo, no sentido de se entenderem como partes importantes na construção do México e nas soluções dos seus conflitos. Com isso, a causa indígena pôde ganhar mais espaço na comunicação alternativa do país, uma vez que o Movimento Zapatista havia inaugurado uma nova consciência midiática, por parte dos produtores e dos receptores da informação.

A importância dessa conclusão se deve ao fato de que o Movimento Zapatista inaugurou uma atuação civil capaz de construir a base para uma mudança social que privilegia a atuação do indivíduo em prol do conjunto, dos reparos aos danos históricos sem justificar uma luta armada em nome deles. Aliado a essas inferências, cabe ressaltar que deste estudo por diante teremos uma visão menos simplista dos movimentos sociais e de suas intenções e, a quem se interessar, a possibilidade de podermos compartilhar de seus ideais pela Rede, ou aldeia global, como é constantemente definida. Ou, se for o caso, usar a plataforma da Internet para empreender

ativismos, criar espaços não pensados e contribuir para dar voz aos comunicadores marginalizados dos processos da mídia de massa.

Se a Internet se mostrou eficaz em uma época anterior à sua popularização, os zapatistas e os seus colaboradores apostaram nessa via como um campo promissor de luta, considerando o desenvolvimento tecnológico e mesmo a globalização. A força da mídia alternativa proporcionou um grande instrumento de dissolução do poder e de contestação do mesmo, de autonomia para desenvolver idéias e para se apostar em outras já elaboradas.

Durante a procura por fontes para este trabalho, verificou-se o grande número de pesquisas científicas a respeito do Movimento Zapatista e várias conexões de mídia alternativa no México. É possível escutar transmissões ao vivo de rádios comunitárias pela Internet e pedir informações por e-mails. Há uma rede aberta para a troca de experiências entre pesquisadores e estudantes do zapatismo e de sua influência política e social nas rádios comunitárias mexicanas. Podemos pensar agora, em que sentido a comunicação deve modificar os quadros de desigualdade, e, principalmente, desinformação, a que as minorias estão submetidas no México, e, em certo sentido, na América Latina.

O governo mexicano, do início do século XXI, vê a necessidade de se seguir os rumos do desenvolvimento global, de potencializar sua economia e oferecer o desenvolvimento social aos seus cidadãos através de programas do governo de combate a pobreza, de melhora na educação, entre outras necessidades básicas. Tal visão se aplica a outros países do continente que, como o México, têm que superar uma herança colonial de séculos, principalmente nas áreas onde a concentração de terras e o poder paralelo dos latifundiários ainda soam como um doa ápices da impunidade e do crime contra os trabalhadores rurais. A questão agrária é básica para se definir os rumos econômicos de um país.

No entanto, os movimentos que lutam contra a manutenção dessas oligarquias ainda permanecem sufocados, muitas vezes, pela repressão militar, pela democracia que tenta desenvolver o país e pelos meios de comunicação de massa. O que este trabalho procura argumentar, independente de visões políticas, é a atuação significativa da comunicação comunitária para a construção de um novo sentido nas lutas sociais.

O Movimento Zapatista foi então estudado para exemplificar esse poder transformador, ao se manter atuante na própria mídia que criou e nas que influenciou, completando o sentido da comunicação que mencionamos acima. Ao se lançar no ciberespaço para superar distâncias, injustiças e desinformação, essa nova geração de comunicadores do México procura fazer valer o princípio de toda escolha: a liberdade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARALE, Ana Maria Peppino. Mujeres indígenas toman la palabra... rediofónica. In: PERUZZO, Cicilia (org). **Vozes Cidadãs**. São Paulo: Angellara Editora, 2004, p.157-173.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAMÍN, Hector Aguilar. **México: a cinza e a semente**. São Paulo: Bei Comunicação, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2003.

DECOUFLÉ, André. **Sociologia das revoluções**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. São Paulo: Ed. Senac, 2003.

FELICE, Massimo Di. As Armas Comunicantes: o papel da comunicação nos novos movimentos revolucionários: o caso Zapatista. In: PERUZZO, Cicilia (org). **Vozes Cidadãs**. São Paulo: Angellara Editora, 2004, p.281-313.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.

GODWIN, Peter. Day of the crocodile. **Vanity Fair**, [S.1.]: Condé Nast Publications. P.114-121, set. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

JUNIOR, José Gaspar Bisco. **Guerrilha em foco: a presença na mídia do discurso zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva Lacandona**. 2007. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

LINARES, Frederico Navarrete. **Los Pueblos Indígenas de México: Pueblos Indígenas Del México Contemporáneo**. México: CDI, 2008.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Américo. **As Revoluções do México**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Rádio Comunitária, educomunicação e desenvolvimento local. In: UNESCO, 2006, São Bernardo do Campo. **Anais...** Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 1 CD-ROM.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. In: INTERCOM, 2008, Natal. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>

PRESCOTT, William H. **The History of the Conquest of Mexico**. Nova Iorque: Modern Libray Paperback Edition, 2001.

RIVELLO, Ana Paula Avellar. **Movimento Zapatista e Ciberativismo: Um Estudo de Caso do Grupo Europa Zapatista**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

RODRÍGUEZ, José Manuel Ramos. Los programas de avisos em las radiodifusoras indigenistas de México: espacios de reproducción de la etnicidade. In: PERUZZO, Cicilia (org). **Vozes Cidadãs**. São Paulo: Angellara Editora, 2004, p.175-186.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **A política armada: Fundamentos da guerra revolucionária**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1

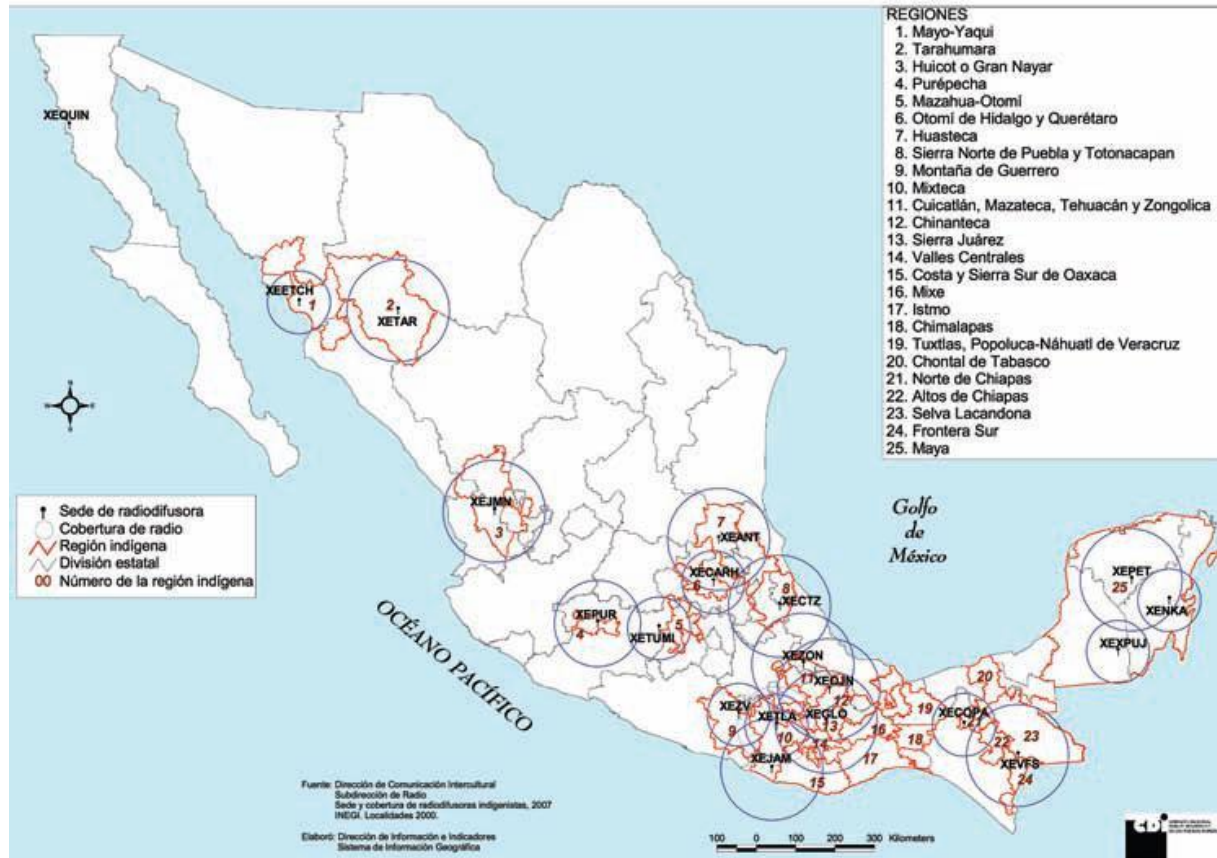
México Indígena, 2005

População total	103 263 388
População Indígena	9 854 301
Porcentagem equivalente ao total	9.54%
Grupos etnolinguísticos	62
Falantes da língua indígena	5 988 557
População bilíngüe	5 131 226
População monolíngüe	719 645
Não especificados	137 686
Porcentagem de analfabetismo 15 anos ou mais	25,4%
Porcentagem de inexistência escolar	8,4%

Fonte: CDI / PNUD, Sistema de Indicadores sobre a População indígena do México, com base no INEGI, XII Censo Geral de População e Moradia, México, 2000.

ANEXO 2

Mapa do Sistema de Rádios Culturais Indígenas, México, 2006.



Nome da rádio	Sigla	Cobertura (em Km)	Sede
La Voz del Valle	XEQIN	130	San Quintín, Baja California
La Voz del Corazón de La Selva	XEXPUJ	80	Xpujil, Campeche
La Voz de los Vientos	XECOPA	80	Copainalá, Chiapas
La Voz de la Frontera Sur	XEVFS	130	Las Margaritas, Chiapas
La Voz de la Sierra Tarahumara	XETAR	130	Guachochi, Chihuahua
La Voz de la Montaña	XEZV	80	Tlapa de Comonfort, Guerrero
La Voz del Pueblo Ñha-nhu	XECARH	80	Cardonal, Hidalgo
La Voz de los Purépechas	XEPUR	110	Cherán, Michoacán

La Voz Mazahua Otomí	XETUMI	80	Tuxpan, Michoacán
La Voz de los Cuatro Pueblos	XEJMN	130	Jesús Maria, Nayrit
La Voz de la Siera Juárez	XEGLO	130	Guelatao de Juárez, Oaxaca
La Voz de la Chinantla	XEOJN	130	San Lucas Ojitlán, Oaxaca
La Voz de la Mixteca	XETLA	80	Tlaxiaco, Oaxaca
La Voz de la Costa Chica	XEJAM	130	Santiago Jamiltepec, Oaxaca
La Voz de la Sierra Norte	XECTZ	130	Cuetzalan, Puebla
La Voz del Gran Pueblo	XENKA	80	Felipe Carrillo Puerto, Quintana Roo
La Voz de las Huastecas	XEANT	130	Tancanhuitz de Santos, S.L.P.
La Voz de los Tres Ríos	XEETCH	80	Etchojoa, Sonora
La Voz de la Sierra Zongolica	XEZON	130	Zangolica, Veracruz
La Voz de los Mayas	XEPET	130	Peto, Yucatán

Fonte: LINARES, Federico Navarrete. Los Pueblos Indígenas de México: Pueblos Indígenas Del México Contemporáneo. México: CDI, 2008.

ANEXO 3

CD de áudio com a gravação do Programa de Rádio Zapatista, do dia 5 de outubro de 2007, analisado na página 53.